

REVISTA

MENSAGEM

DA APAE . A MAIOR REDE DE INCLUSÃO
Federação Nacional das Apaes . Nº57 . Ano 2024



APAE BRASIL
Federação Nacional das Apaes



ARTE É INCLUSÃO. INCLUSÃO É APAE

Com a participação de mais de 2 mil artistas,
XII Festival Nacional Nossa Arte destaca o
poder transformador da arte e da cultura



SETE DÉCADAS DE HISTÓRIA DA APAE DO RIO DE JANEIRO

Dirigentes da primeira instituição
apaeana do Brasil falam sobre os desafios
e as conquistas ao longo dos anos

NOSSA HISTÓRIA: QUEM SOMOS E O QUE FAZEMOS

Semana Nacional evidencia
a importância e o trabalho do movimento
apaeano por uma sociedade equitativa

17ª EDIÇÃO DA COSP E G20 SOCIAL

Apae Brasil desempenha papel ímpar
na luta por direitos das pessoas com
deficiência e suas famílias

Expediente - 2024 a 2026

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente

Prof. Jarbas Feldner de Barros (MG)

Vice-Presidente

Alesson Loureiro Cavalcante (AL)

1º Diretor-Secretário

Vanderson Roberto

Pedruzzi Gaburo (ES)

2ª Diretora-Secretária

Ilda da Conceição Salvático (RO)

1º Diretor Financeiro

Narciso José Batista (BA)

2º Diretor Financeiro

Ottão Pereira de Almeida (MS)

Diretora Social

Neuza Soares de Sá (PR)

Diretora para Assuntos

Internacionais

Rosane Teresinha Jahnke (SC)

Diretora de Patrimônio

Maria de Fátima Dalmédico

de Godoy (SP)

AUTODEFENSORES

Titulares

Gustavo da Silva (RO)

Paula Conceição do Nascimento (ES)

Suplentes

Victor Augusto Araújo

Gonçalves Holanda (GO)

Maria da Conceição da Silva

Quaresma (PA)

CONSELHO FISCAL

Titulares

Armando Mendes dos Santos (PA)

Eduardo Motta Caldieraro (RS)

Milton Gontijo Ferreira (MG)

Suplentes

Keyla Linez de Vasconcelos

Santana (PI)

Edson da Silva Júnior (GO)

Carlos Mariz Moura de Melo (SE)

CONSELHO CONSULTIVO

José Turozi (PR)

Aracy Maria da Silva Lêdo (RS)

Luiz Alberto Silva (SC)

Flávio José Arns (PR)

In memoriam

Eduardo Luiz Barros Barbosa (MG)

Nelson de Carvalho Seixas (SP)

Elpídio Araujo Neris (DF)

Justino Alves Pereira (PR)

José Candido Alves Borba (RJ)

Antônio Semas Figueiredo (PE)

Antônio Santos Clemente Filho (SP)

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Federação das Apaes dos Estados

Acre

Cecília Maria Garcia Lima Souza

Alagoas

Ailson da Rocha Loureiro

Amapá

Abel da Silva Mendes

Amazonas

Sirange Bezerra Rodrigues

Bahia

Moana dos Santos Meira Silva

Ceará

Francisco Leitão Moura

Apae do Distrito Federal

Maria Helena Alcântara de Oliveira

Espírito Santo

Maria das Graças Vimercati

Goiás

Albanir Pereira Santana

Maranhão

Nadson Barros Silva

Minas Gerais

Gláucia Aparecida Costa Boaretto

Mato Grosso

Sílvia Cristina Nogueira Artal

Mato Grosso do Sul

Antônio José dos Santos Neto

Pará

Emanoel O' de Almeida Filho

Paraíba

Maria da Conceição Costa do Rêgo

Paraná

Alexandre Augusto Botareli Cesar

Pernambuco

Maria das Graças Mendes da Silva

Piauí

Vitória Régia Freitas Rêgo

Rio de Janeiro

Luís Valério de Souza Neto

Rio Grande do Norte

Izabel Tatiana Batista Benévolo

Xavier Ferreira de Melo

Rio Grande do Sul

Aracy Maria da Silva Lêdo

Rondônia

Marizete de Paula Assunção

Santa Catarina

Osmar Minatto

Sergipe

Mônica Carmélia Marina

de Souza Kehl

São Paulo

Cristiany de Castro

Tocantins

Marciane Machado Silva

ESTADO SEM FEDERAÇÃO

Apae de Boa Vista (RR)

Elson Vieira Menezes

EQUIPE TÉCNICA

FENAPAES

PROCURADORIA

Procuradora

Mírian Cleidiane Queiroz Cunha

Procurador-adjunto

Roberto Machado Salaberry

Advogado

Natan Menezes dos Santos

Assistentes Jurídicos

Rodrigo Couto Oliveira

Mateus Duarte Mendes Gonçalves

GESTÃO DA QUALIDADE

Analista da Qualidade

Lucieli Albano da Silveira

Assistente da Qualidade

Wanderson Lucas Chagas Martins

GERÊNCIA ADMINISTRATIVA

E FINANCEIRA

Gerente Administrativo e Financeiro

João Batista da Silva

EVENTOS APAE BRASIL

William Ferreira de Lima (RN)

Assistente de Eventos

Thamiris Lima Silva

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Supervisor de Comunicação

Felipe Menezes de Brito

Assessora da Presidência

Bruna Isabela Rezende Rocha

Designers Gráficos

Rafaela Martins de Souza

Guilherme da Silva Lima

Tiago Sousa Pereira

Assistente de Comunicação

João Paulo Galvão Zanatto

Estagiária de Jornalismo

Ana Carolina Santana Marques

Diretor de TV

Ramon Antonio de Amorim Lemes

Editor de Vídeo

Yuri Rocha Silva

SETOR DE INFORMÁTICA

Coordenador de TI

Cleber Gonçalves de Paiva

Desenvolvedores

Manoel Assis Rios Neto

Felipe Enzou Shintaku

Martins Okada

Auxiliares de TI

João Victor Ribeiro dos Santos

Eder Caixeta de Lima

SETOR FINANCEIRO

Supervisora Financeira

Tânia Ramos da Cruz

Analistas Financeiras

Dayelle Oliveira da Costa

Mikaelle Alexandre de Melo

Jérrsyca Silva Moraes

SETOR CONTÁBIL

Contador

Ronaldo de Sousa Gualberto

Analistas Contábeis

Quitéria Barbosa da Silva Andrade

Naiara Ramos de Queiroz

SETOR ADMINISTRATIVO

Supervisor Administrativo

Fernando Ferreira dos Santos

Auxiliar Administrativo

Renan Ferreira da Silva

Apoio

Jocerlândia Cardoso de Sousa

Evaneide Batista Adorno

Recepção

Waldinéia Olimpio Zoraide

Santana Ramos

SETOR RECURSOS

HUMANOS

Coordenadora de Recursos Humanos

Luciene Ângela de Campos

Analista Administrativo de Pessoal

Ygor Gomes Queiroz

SETOR DE CAPTAÇÃO DE

RECURSOS E GESTÃO

DE PROJETOS

Captador de Recursos

Eurismar da Silva Sousa

Analistas de Projetos

Paulo Sergio Canguçu

Denis de Sousa Claudino

GERÊNCIA INSTITUCIONAL

Gerente Institucional

José Marcos Cardoso do Carmo

Analista de Pesquisa

Wagner Gonçalves Saltorato

Assistente Administrativa

Kaynara Lara Oliveira dos Santos

Assistente Institucional

Marinete Duarte Pereira

Medeiros Corrêa

COORDENADORIAS

TÉCNICAS NACIONAIS

Arte e Cultura

Sérgio Paulo dos Santos

Feldhaus (PR)

Assistência Social

Ivone Maggioni Fiore (PR)

Autogestão e Autodefensoria

Tâmara Tamires Soares Silva (RN)

Defesa de Direitos e Mobilização Social

Adinilson Marins dos Santos (MG)

Educação Física, Desporto e Lazer

Roberto Antônio Soares (SP)

Educação e Ação Pedagógica

Erenice Natália Soares

de Carvalho (DF)

Envelhecimento

Tanara Terezinha Fogaça Zatti (SC)

Família

Rodolpho Dalla Bernardina (ES)

Hosana Maria Maciel Velani (PR)

Inclusão no Mundo do Trabalho

Iracema Aparecida dos Santos Ferreira (SP)

Prevenção e Saúde

Daniel Fioravante Barbosa (MG)

FACULDADE APAE BRASIL -

DR. EDUARDO BARBOSA

DIRETORIA GERAL

Diretor-geral

Erivaldo Fernandes Neto

Vice-diretor

Sérgio Sampaio Bezerra

EQUIPE TÉCNICA

Diretora de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão

Rosana Glat

Diretora Acadêmica

Norma Lúcia Neris de Queiroz

Coordenador de Pesquisa

Jorge Amaro Souza Borges

Professores

Norma Lúcia Neris de Queiroz

Erenice Natália Soares de Carvalho

Patrícia Neves Raposo

Thyene Silva Burkle

Luciléia Bechmann Saldanha

Hernany Gomes de Castro

Thiele Araujo Pereira

Bruna Morato Israel

Fabiana Silva Zuttin Cavalcante

Guilherme da Rocha Campos

Sérgio Sampaio Bezerra

Assistente de Comunicação

Ananji Peixoto da Costa

Assessora Técnica

Graziela de Castro

Oliveira Gualberto

Tutor de EAD

Luiz Paulo dos Santos Souza

APAE BRASIL

Email: fenapaes@apaebrazil.org.br

Telefone: (61) 3224-9922

SDS Ed.Venâncio IV Cobertura

CEP: 70393-903

Brasília • DF

Sumário

- 05 PALAVRA DO PRESIDENTE
- 08 DEDICAÇÃO E RESILIÊNCIA: 70 anos de história
- 14 UM MARCO NA HISTÓRIA DO MOVIMENTO APAEANO
- 20 APAE BRASIL 70 ANOS: uma história de inclusão
- 22 SEMANA NACIONAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E MÚLTIPLA DE 2024
- 25 APAE BRASIL PARTICIPA DA 17ª EDIÇÃO DA COSP, EM NOVA YORK
- 32 APAE BRASILEXERCE PAPEL FUNDAMENTAL NO G20 SOCIAL
- 35 FACULDADE APAE BRASIL É CREDENCIADA PELO MEC PARA OFERTAR CURSOS SUPERIORES A DISTÂNCIA
- 37 PESQUISA TRAZ DETALHES DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO MUNDO DO TRABALHO
- 42 ESTRATÉGIAS INTEGRAIS E INTEGRADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E O APOIO ÀS FAMÍLIAS NA REDE APAE
- 44 A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA DE ZERO A TRÊS ANOS E O PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO PRECOCE
- 48 FEAPAES DO ESPÍRITO SANTO IMPULSIONA QUALIFICAÇÃO NAS APAES COM INICIATIVAS TRANSFORMADORAS
- 50 FEAPAES DE SÃO PAULO LANÇA PROJETO COLÉGIO DE LÍDERES
- 53 BAIÃO DE 2: INCLUSÃO MUSICAL E REPRESENTATIVIDADE NO DISTRITO FEDERAL
- 56 ATENDIDOS DAS APAES DO PARÁ CONQUISTAM VAGA EM MEDICINA E CNH
- 58 USO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA NO CAEE JOSÉ DE SOUSA NEVES RENDE RESULTADOS POSITIVOS PARA A APAE DE ESTREITO
- 60 CONSTRUINDO JUNTOS SONS E RITMOS: projeto usa música como poderosa ferramenta de aprendizado e expressão
- 62 A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PSICÓLOGO DENTRO DO PROGRAMA PSICOSSOCIAL NA APAE DE JARAGUÁ DO SUL
- 64 PROFISSIONALISMO E GESTÃO SÃO AS PEÇAS-CHAVES NA TRANSFORMAÇÃO DA APAE DE TEFÉ
- 66 EXPLORANDO REALIDADE VIRTUAL IMERSIVA E JOGOS DIGITAIS COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL: um estudo na Apae de Serra Talhada

PALAVRA DO PRESIDENTE



Olá, amigos! Aquele abraço.

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que, além da alegria, esta também é uma grande oportunidade, para uma vez mais, agradecer a todos pelo apoio e carinho que tenho recebido – juntamente com toda nossa diretoria executiva –, e também por poder apresentar um pouco do muito que temos realizado neste primeiro ano de mandato.

Desde a eleição em Maceió (AL), assumimos um compromisso de promover uma gestão de mudanças e aproximação com toda a Rede Apae, visando fortalecer o nosso movimento, conduzindo as Apaes para os verdadeiros rumos estabelecidos em nossa missão institucional, clareando a visão que deve nortear a nossa caminhada, qual seja, fazer defesa de direitos e fortalecer o papel da família e da pessoa com deficiência em todas as nossas ações.

Graças ao apoio do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal, das Coordenadorias Nacionais e de toda a equipe com compõe o quadro de funcionários da Federação Nacional das

Apaes (Fenapaes), nos debruçamos sobre a proposta, que parte do princípio de que a Fenapaes assim como as Federações das Apaes dos Estados (Feapaes) são meios para perseguir o nosso objetivo maior, qual seja, apoiar cada Apaie de nosso país, incentivando-as e fortalecendo-as para que, de acordo com a sua realidade, cultura, público e condição, possam oferecer serviços de qualidade àqueles que as frequentam.

Sabíamos que seria um longo trabalho, mas graças ao esforço, entusiasmo e comprometimento de todos, já podemos perceber que nossas propostas estão sendo colocadas em prática e com resultados perceptíveis, nos dando a certeza de que conseguiremos melhorar ainda mais nossos serviços na Rede.

Assim, numa ação articulada entre as áreas de Assistência Social, Educação e Saúde, as Coordenadorias da Família e de Autodefensoria, autodefensores, Defesa de Direitos, Envelhecimento, Trabalho e Renda, Centro-Dia, juntamente com as Coordenadorias de Esporte e Arte, já estão com propostas articuladas dentro da visão integral/integralizada e já em execução.

O resultado desta ação ficou concretizado como pro-

posta, e após a reunião realizada em novembro de 2024, em Brasília (DF), quando a proposta foi apresentada, discutida e aprovada pelo Conselho de Administração da Fenapaes, passaram a compor de um documento de compromisso que será encaminhado para todas as Feapaes e para ser divulgado e implantado em toda a Rede Apaie, sob o monitoramento e apoio da Fenapaes.

Além do olhar para dentro do movimento, também nos propusemos a fortalecer a nossa marca e buscar nas relações com o Poder Público, com a iniciativa privada, com outros movimentos sociais, os meios de comunicação e, por extensão, com toda a sociedade brasileira, uma relação de parceria e, principalmente, mostrando quem somos e o que fazemos.

Percebemos nestas ações que, embora todos reconheçam a marca Apaie como uma instituição séria, de credibilidade e de serviços prestados, ainda não sabiam quanto somos e o que fazemos diariamente. Quando em reuniões, audiências e palestras apresentamos que temos, hoje, 2.264 Apaes, presentes nas cinco regiões do Brasil, mais de 1,6 milhão de atendidos em, pelo menos, dois atendimentos-dia,

e inúmeras outras ações que desenvolvemos diariamente, sempre ouvimos um murmurinho em forma de indagação, espanto e perplexidade: “puxa, eu não sabia do tamanho e do trabalho de vocês!”.

E esse, aliás, tem sido outro desafio para a nossa gestão, porém, graças a um trabalho sério, temos avançado de forma contínua e positiva no relacionamento com o Poder Público Federal, seja a nível de Executivo ou de Legislativo, em todas as áreas de atuação. E já temos resultados apresentados, a exemplo do Programa TEAtivo, em execução nas nove capitais do Nordeste e no município de Imperatriz (MA), e que vamos, se Deus quiser, ampliar para o maior número possível de outras Apaes. Ademais, temos acertado com o Ministério do Esporte a extensão do TEAtivo para as demais regiões do país e, em breve, a implantação do Programa Semear.

Além dessas parcerias, estamos acertando com o Ministério do Esporte, a Secretaria de Esporte e Lazer do Distrito Federal, deputados e senadores recursos visando a realização das Olimpíadas Especiais das Apaes de 2025, em Brasília.

No Ministério dos Direitos

Humanos e da Cidadania, por meio da Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, também estamos com uma relação muito rica, e já acertados em projetos importantíssimos, tais como o curso de terapia ocupacional para a nossa Rede e a da Secretaria Nacional, que contará com apoio de senadores e deputados federais e parceiros da iniciativa privada.

Firmamos ainda uma parceria para implantar um projeto de equoterapia para a Apae de Breves, na Ilha do Marajó, contando com o suporte da Feapaes do Pará, além de aceitarmos o desafio proposto pela referida Secretaria de apresentar um projeto para a implantação de Residências Inclusivas para as pessoas com deficiência e pessoas idosas em situação de abandono.

Para mais, estamos fortalecendo uma relação de parceria muito importante com os Ministérios da Cultura e da Justiça e Segurança Pública voltado ao atendimento da nossa Rede nas áreas de esporte e arte. Quanto ao Ministério da Educação, temos uma pauta de ações e reuniões para o próximo ano a fim de discutir as nossas demandas na área educacional (escolas especializadas).

Já com o setor privado, mantivemos as parcerias com as empresas dos títulos de capitalização e influencers, e, com a parceria firmada com a empresa Rizza Incentivo e o SEST SENAT, estamos buscando apoio para as nossas ações por meio de projetos de captação de recursos através das leis de incentivo por meio de renúncia fiscal (Lei Rouanet e Lei de Incentivo ao Esporte).

Também vale citar que criamos a Gerência de Mobilização de Parcerias e estamos implantando a Controladoria Interna, serviço de Compliance e Fortalecimento da Marca, já no início de 2025.

Temos muita coisa a ser feita, porém com as medidas já tomadas, nas quais esperamos darem resultados positivos para o ano de 2025, fortaleceremos cada vez mais a marca Apae, tanto na representatividade quanto em seu verdadeiro papel: fazer defesa de direitos e melhorar ainda mais os nossos serviços.

Entusiasmo, comprometimento e vontade de fazer o melhor não nos falta. E volto a repetir: não importa o quanto faremos, mas o que for feito que seja de qualidade. Aliás, para nós, qualidade é melhorar as condições de vida das pessoas com defi-

ciência e suas famílias e que sejam vistas como pessoas de direitos.

Não falei aqui de problemas. É evidente que eles existem. Porém, conseguimos com o tempo saber enfrentá-los, não mais vendendo-os como problemas, mas como desafios, que fazem parte de nossa caminhada. E é por isso que temos 70 anos de caminhada exitosa.

Que Deus Pai e sua Mãe Santíssima nos inspire e ampare na caminhada.


Prof. Jaybas Felício de Barros
Presidente da Apae Brasil





DEDICAÇÃO E RESILIÊNCIA: 70 anos de história

Marcus Soares e Márcia Rocha relatam como é conduzir a Apae do Rio de Janeiro, a primeira instituição apaeana do Brasil

JOÃO PAULO ZANATTO

A Apae do Rio de Janeiro celebrou um marco histórico em 2024: foi coroada ao sediar o XII Festival Nacional Nossa Arte no mesmo ano em que a entidade e o movimento apaeano completaram 70 anos. A Revista Mensagem da Apae (RMA) conversou com Marcus Soares e Márcia Rocha, presidente e superintendente da Apae do Rio, respectivamente, para entender o valor desse evento e refletir sobre as conquistas e os desafios

da instituição pioneira ao longo dessas sete décadas.

Com uma trajetória marcada por muitas lutas e superações, a Apae do Rio de Janeiro se destaca como um exemplo de resiliência e dedicação à causa das pessoas com deficiência. Nesta entrevista, a dupla discute as principais dificuldades enfrentadas, desde a organização de eventos de grande porte até a superação de um período difícil de intervenção. Eles ainda ressaltam a

importância da comunidade e do apoio social para o sucesso contínuo da instituição, e compartilham as motivações pessoais e como enxergam o futuro do movimento apaeano.

O que representa o XII Festival Nacional Nossa Arte ser sediado na Cidade Maravilhosa no ano em que o movimento apaeano e a Apae do Rio de Janeiro celebram 70 anos?

Marcus Soares: É um privilégio e uma honra para nós.

Sediar o XII Festival Nacional Nossa Arte no Rio, especialmente neste ano em que celebramos 70 anos de história, simboliza o reconhecimento da relevância do movimento apaeano carioca e a força da nossa luta pela inclusão e valorização das pessoas com deficiência. É um marco que reforça o papel pioneiro da Apae do Rio na construção de um futuro mais justo e inclusivo.

Márcia Rocha: O Festival Nossa Arte acontecer no Rio de Janeiro como parte da comemoração dos 70 anos da Apae do Rio é muito importante, porque a Apae do Rio é a primeira Apae do Brasil e passou por toda uma situação de enfraquecimento, de intervenção. A gente vê a Apae do Rio como uma fênix, que ressurge, que traz toda uma renovação para o movimento apaeano. E o XII Festival Nacional Nossa Arte acontecer em uma mudança de modalidade, de olhar, onde não tem mais competição, isso faz parte do novo momento que traz a Apae do Rio para um novo posicionamento, que reverberará para todo o movimento apaeano.

Como a arte pode contribuir para a inclusão e valorização das pessoas com deficiência?

Márcia: A arte é muito im-

portante para desarmar, trabalhar potencialidades e emoções. Através dela, conseguimos chegar a pontos das singularidades humanas que sem ela não conseguiríamos alcançar. E, para a pessoa com deficiência, é um momento em que ela pode se expor sem medo, sem os limites que a sociedade impõe. Então, a arte é fundamental para o processo de inclusão, mostrando para a sociedade que a pessoa com deficiência é uma pessoa como outra qualquer, que tem potencialidades, competências e habilidades.

Quais são os principais desafios na organização de

um evento desse porte?

Marcus: Os desafios são diversos, como logística, captação de recursos, mobilização de voluntários e garantia de acessibilidade em todos os aspectos. Também é fundamental engajar a sociedade e criar uma experiência significativa para os participantes e espectadores. Entretanto, são esses desafios que tornam o evento ainda mais especial e recompensador.

Márcia: São muitas pessoas, muitos atores envolvidos. A diversidade é grande. Mas é um trabalho muito profissional de produção artística de várias modalidades ao



mesmo tempo, que nos traz muitas possibilidades de aproximar as pessoas com deficiência da sociedade, das populações que vivem em torno da própria Apae, e atingir as diferentes classes sociais. É desafiador, mas, ao mesmo tempo, gratificante.

Como foi dito anteriormente, a Apae do Rio celebra 70 anos este ano. Como você enxerga a evolução da instituição ao longo do tempo?

Marcus: A evolução da Apae do Rio reflete a transformação da sociedade em relação à inclusão. Nós saímos de um período inicial de pioneirismo, no qual a inclusão era apenas um sonho, para um movimento consolidado e respeitado. Hoje, somos referência em educação, saúde e defesa de direitos das pessoas com deficiência, com uma trajetória de lutas e conquistas que nos orgulha imensamente.

Quais foram os principais marcos e conquistas da instituição e como ela influenciou e influencia o movimento apaeano?

Marcus: Destaco a criação da primeira Apae do Brasil, a implementação de programas de educação inclusiva e reabilitação e o engajamento na luta por políticas públi-



cas. A nossa história influenciou profundamente o movimento apaeano ao inspirar outras unidades e ao fomentar a discussão acerca da inclusão e acessibilidade em âmbito nacional.

Márcia: Antigamente, quando uma Apae era criada, os técnicos tinham que passar uma temporada na Apae do Rio de Janeiro para aprender como era o trabalho. E, atualmente, a gente está vendo a possibilidade de isso voltar a acontecer. Porque como o movimento tem reordenado todas as Apaes para atuar na política de assistência social, hoje a Apae do Rio é uma das que está mais próxima desse trabalho na sua essência. Por isso, nós vemos a possibilidade de voltar a ter a Apae do Rio de Janeiro como referên-

cia entre as a Apaes para ser um polo de capacitação.

A Apae do Rio de Janeiro passou por uma grande intervenção. Como foi o processo de recuperação da independência da entidade?

Márcia: O processo de intervenção foi muito doloroso, muito sofrido, e descaracterizou totalmente a instituição, chegando a um nível de quase fechar, onde muitos já não acreditavam que nós iríamos conseguir sair desse processo. O que foi determinante para que não fechasse a instituição foi a garra, a luta e a força das mães e famílias que acreditam na Apae do Rio e que ainda estão firmes juntos. Dessa forma, quando começamos a centralizar o trabalho no atendimento às famílias, iniciou a virada de chave para



sair do processo de intervenção e começar a construir a nova identidade da Apae.

Marcus: É isso mesmo. Foi um processo desafiador, mas extremamente transformador. Recuperar a independência exigiu união, transparência e muito trabalho. A reconstrução da confiança foi o pilar desse processo, com foco em uma gestão ética e alinhada aos valores apaeanos.

Quais foram os principais desafios enfrentados durante o período de intervenção? Como eles foram superados e quais são os principais aprendi-

zados que a Apae tirou dessa experiência?

Marcus: Os desafios incluíram reestruturação administrativa, reorganização financeira e reconstrução da credibilidade perante a sociedade. Superamos esses obstáculos com planejamento, governança responsável e o apoio incondicional da comunidade. O principal aprendizado foi o poder da resiliência e da união em momentos de adversidade.

Márcia: Nós estávamos vivendo, realmente, um caos. Eram vários problemas e foi gerando um efeito cascata, e ficamos com a imagem mui-

to arranhada. Não tínhamos credibilidade com o poder público, com a sociedade, nem com as famílias. Tínhamos dívidas reais muito altas, problemas jurídicos quase que indissolúveis e unidades da Apae do Rio sendo invadidas. Então, tivemos que ter uma gestão de conflitos para mitigar as crises, porque eram muitas ao mesmo tempo. Definimos etapas e pontos que precisavam ser atacados para que a gente pudesse ir revertendo etapa por etapa. Foi um trabalho que teve que ser muito minucioso e, ao mesmo tempo, começar a resgatar a credibilidade com as famílias a fim de que a gente pudesse ter realmente condições de trabalhar com elas novamente.

Como a comunidade carioca e os colaboradores da Apae reagiram à retomada da independência da instituição?

Marcus: A reação foi de entusiasmo e renovação de esperanças. A comunidade abraçou a causa com mais força, e os colaboradores demonstraram compromisso em reconstruir a instituição, resgatando o seu protagonismo no movimento apaeano.

Márcia: Aos poucos, nós estamos percebendo que a sociedade carioca está voltando a confiar na Apae do Rio.

Ao estarmos ocupando os espaços públicos, dando o protagonismo às famílias, fez com que a sociedade voltasse a enxergar e ver a Apae. Então, hoje, a Apae do Rio é vista com outro olhar. Nós voltamos para o cenário como instituição idônea, respeitada e que se pode ter parceria.

Márcia, quais são as suas principais inspirações e motivações no trabalho com a Apae?

Márcia: As minhas inspirações são acreditar na potencialidade humana de cada pessoa que a gente toca com o nosso trabalho e a certeza de que esse trabalho faz diferença na vida de muitas pessoas. Então, quando eu vi a necessidade dessas famílias, a necessidade de cada pessoa com deficiência que, muitas delas, só tinham a Apae, porque nós sabemos que ainda são muitas portas fechadas para as pessoas com deficiência intelectual e múltipla. E na Apae elas se sentem gente, pessoas realmente respeitadas, são valorizadas. Nós sabemos que temos que “romper os muros da Apae” e que elas precisam se sentir parte da sociedade, mas esse movimento tem que ser feito pela sociedade, e não pelas pessoas com deficiência. Então, como sociedade civil organizada, eu me sinto na obrigação fazer com que

o movimento apaeano, cada vez mais, mostre para a sociedade que ela tem que acolher cada pessoa com deficiência.

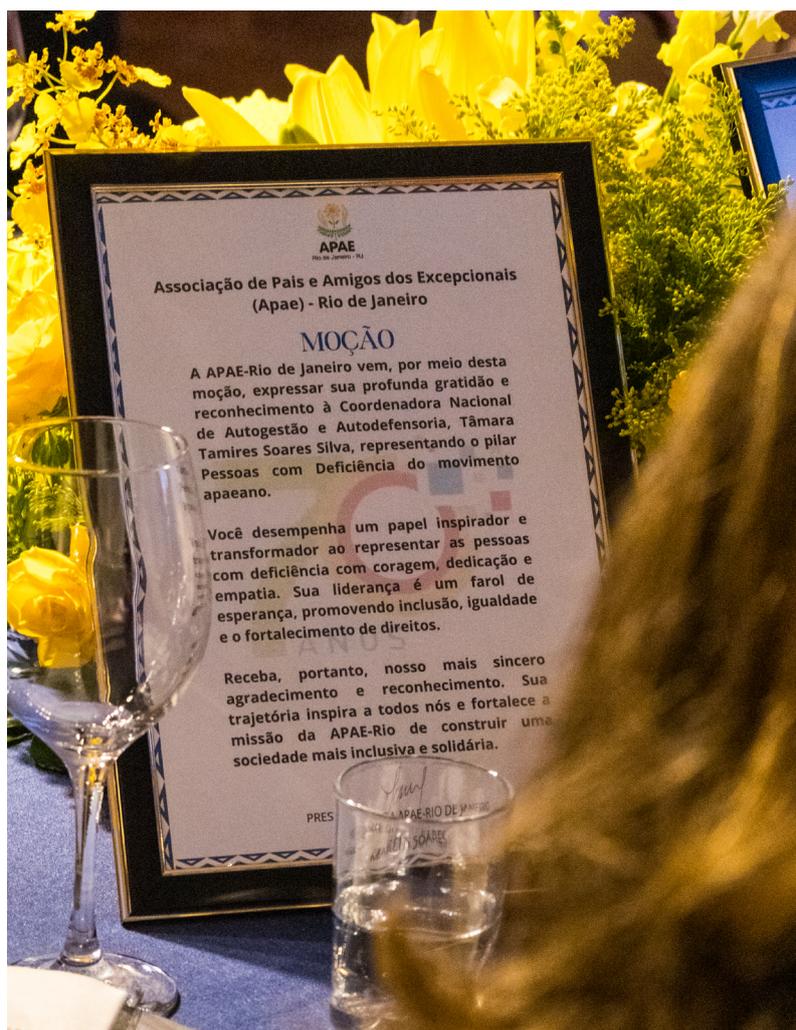
Marcus, como é liderar a primeira Apae do movimento e que tem um legado tão significativo?

Marcus: Uma grande responsabilidade, mas também uma oportunidade incrível de continuar escrevendo a história de uma instituição que tem um papel tão relevante. Liderar a Apae do Rio de Janeiro é honrar o passa-

do enquanto trabalhamos para construir um futuro ainda mais inclusivo.

Como você enxerga o futuro da Apae do Rio de Janeiro e do movimento apaeano?

Marcus: Vejo um futuro promissor, com avanços em políticas públicas e inclusão. Espero que a Apae do Rio continue sendo referência, e que possamos expandir ainda mais as nossas ações, sempre com ética, transparência e amor ao próximo.



É inclusão e equidade por meio do esporte!



SAIBA MAIS SOBRE O
PROGRAMA TEATIVO



Faculdade
Apae Brasil



MINISTÉRIO DO
ESPORTE





UM MARCO NA HISTÓRIA DO MOVIMENTO APAEANO

Cidade Maravilhosa foi palco do maior evento artístico e cultural voltado às pessoas com deficiência e suas famílias

ANA CAROLINA SANTANA

FELIPE MENEZES

Histórica é a palavra que resume perfeitamente o XII Festival Nacional Nossa Arte, realizado de 9 e 12 de dezembro no Expo Mag, na cidade do Rio de Janeiro. O evento reuniu mais de 2 mil participantes, entre artistas, acompanhantes e profissionais, com apresentações que celebraram a inclusão social e a diversidade por meio da arte.

Realizado desde 1995, o Festival Nacional Nossa Arte é um dos maiores eventos pro-

movidos pela Federação Nacional das Apaes (Fenapaes), a cada três anos, sendo uma mostra de caráter não competitivo, e tem o propósito de reconhecer e valorizar as habilidades e o potencial criativo e intelectual das pessoas com deficiência e, assim, por meio das linguagens artísticas, despertar para uma mudança de postura da sociedade brasileira e dar asas à plena inclusão.

Nesta última edição, o evento ocorreu na Cidade Maravi-

lhosa, berço do movimento apaeano, em virtude dos 70 anos de fundação da Apae do Rio de Janeiro, a primeira Apae do Brasil, e contou com a parceria da Federação das Apaes do Estado do Rio de Janeiro (Feapaes-RJ), da Apae do Rio de Janeiro e de parceiros.

No total, artistas de 23 estados e do Distrito Federal fizeram apresentações de dança, música e teatro, e expuseram obras de artes visuais e literárias. Todos os trabalhos foram

desenvolvidos por pessoas com deficiência das Apaes, promovendo a socialização de experiências em caráter de inclusão social e contribuindo efetivamente para a conscientização de que a pessoa com deficiência avança em seu processo de autorrealização mediante a expressão artística.

Para todos

Na solenidade de abertura, conduzida pela coordenadora de Autogestão e Autodefensoria, Tâmara Soares, e pelo autodefensor nacional suplente, Victor Augusto Holanda, o presidente da Fenapaes, prof. Jarbas Feldner de Barros, destacou em seu pronunciamento a importância do Festival Nacional Nossa Arte como forma de aproximação entre as pessoas com deficiência e a sociedade.

“Este evento tem uma característica nova: ele é para nós e para toda a sociedade. Isto é, além dos palcos, faremos apresentações em praças públicas para que o público conheça os nossos artistas”, afirmou.

Jarbas reforçou ainda que a edição deste ano foi além das apresentações artísticas ao incluir as famílias no protagonismo do evento. De acordo com o presidente, as pessoas com deficiência e as famílias serão fortalecidas.

“O festival não é somente para o público apaeano, é para

todos. Nós estamos mostrando que as pessoas com deficiência têm habilidades e capacidades, e que a arte é uma grande promotora de inclusão social”, declarou.

O vice-presidente Léo Loureiro reforçou o compromisso da Rede Apae Brasil em ser um movimento de cidadania que promove o respeito, o amor e a inclusão. Para ele, o festival foi uma oportunidade para reafirmar



os valores que fazem parte do movimento apaeano ao longo de sete décadas de história.

“Nós somos um movimento de cidadania para o Brasil e o mundo, que valoriza as pessoas com deficiência e suas famílias. E este evento simboliza o quanto podemos transformar vidas por meio da arte”, enfatizou.

O coordenador de Arte e Cultura da Fenapaes, Sérgio Feldhaus, salientou o impacto do festival, tanto no cenário nacional quanto no internacional. “O Festival Nossa Arte é o maior evento do Brasil para as pessoas com deficiência, e talvez seja também o maior do mundo. Este festival traz mudanças, alegrias e emoções. Quem participa sai daqui transformado e emocionado”, disse.

Protagonismo e união

O autodefensor da Apae Brasil, Gustavo Silva, evidenciou o protagonismo vivido no palco. Para ele, o Festival Nacional Nossa Arte é uma oportunidade para a valorização de habilidades, sendo uma ferramenta capaz de transformar a realidade das pessoas com deficiência.

“Este evento é um marco para todos nós”, frisou. “É incrível ver como as apresentações mostram que as pessoas com deficiência têm talentos e valores. Vocês já são campeões por estarem aqui”, acrescentou.



A autodefensora suplente da Apae Brasil, Maria da Conceição, manifestou a sua gratidão por representar os artistas da Rede Apae, lembrando que o festival é uma oportunidade para todos, não somente aos vencedores, mas todos os que participaram das etapas. “Acredito que todos que estão aqui merecem estar no pódio. O importante é que estamos mostrando o nosso talento”, afirmou.

O presidente da Federação das Apaes do Estado do Rio de Janeiro (Feapaes-RJ), Luís Valério Neto, também reforçou a importância do evento. “A Apae é uma verdadeira família. Não se trata de um serviço de terapia, mas, sim, de um lugar

onde as pessoas com deficiência encontram o seu pertencimento e podem expressar todo o seu talento”, ressaltou.

O simbolismo do festival foi ainda maior por ocorrer no ano em que a Apae do Rio de Janeiro e o movimento apaeano comemoraram sete décadas de história. “Este é um momento de celebração para todos nós. O Rio de Janeiro fica honrado em receber o festival, e estamos todos unidos para fazer deste evento o melhor de todos os tempos”, disse o presidente da Apae do Rio de Janeiro, Marcus Soares.

Celebração

O evento contou com a presença de diversas autorida-

des, a exemplo da deputada federal Laura Carneiro; da secretária nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência e presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade), Anna Paula Femenella; do secretário nacional de Paradesporto, Fabio Araujo; e da diretora de Projetos da Fundação Nacional de Artes, Laís Almeida, representando a ministra da Cultura, Margareth Menezes.

Nos pronunciamentos, as autoridades reforçaram a relevância de iniciativas como o Festival Nossa Arte para a promoção da inclusão e a garantia de direitos das pessoas com deficiência.



Incluir e transformar

O XII Festival Nacional Nossa Arte foi marcado por emoções e mostrou, mais uma vez, o poder transformador da arte na vida das pessoas com deficiência. Em cada trabalho apresentado, os artistas apaeanos demonstraram potencial, talento e habilidades, provando que a arte rompe barreiras e promove a inclusão social.

Para o presidente da Fenapaes, prof. Jarbas Feldner de Barros, o festival foi um momento ímpar na história da Rede apaeanas.

“O festival é importantíssimo, pois o tempo de preparação e treinamento dos artistas impacta diretamente a qualidade de vida das pessoas com deficiência. É um espaço onde elas podem desenvolver e mostrar as suas habilidades, superando barreiras e conquistando a sociedade. Este evento emocionou a todos e reforçou a importância de mantermos as atividades artísticas como permanentes em todas as Apaes do Brasil”, ressaltou.

Com milhares de artis-

tas vindos de todas as regiões do Brasil, o coordenador nacional de Arte e Cultura, Sérgio Feldhaus, também destacou a amplitude do evento.

“Além das apresentações de dança, música, teatro e artes visuais, tivemos espetáculos em praças públicas, ampliando o impacto social e

permitindo que toda a sociedade conhecesse o talento e o valor de nossos artistas. A arte, além de ser um meio de expressão e socialização, promove a cidadania”, acrescentou.





XII NOSSA ARTE

FESTIVAL NACIONAL



APAE BRASIL

70 ANOS

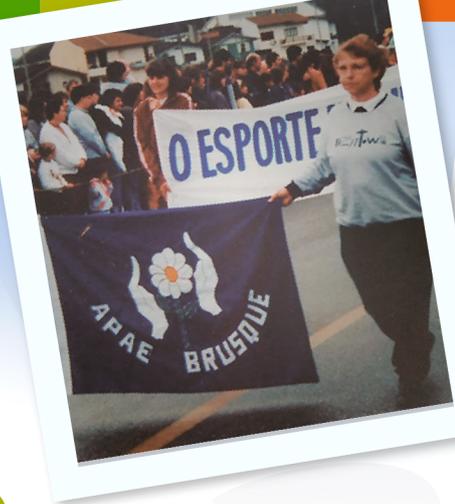
UMA HISTÓRIA DE INCLUSÃO



APAE BRASIL
Federação Nacional das Apaes



APAE
Rio de Janeiro - RJ





SEMANA NACIONAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E MÚLTIPLA DE 2024

“Nossa história: quem somos e o que fazemos”

ANA CAROLINA SANTANA
FELIPE MENEZES

Tradicionalmente, agosto é marcado pelo evento mais importante da Rede Apae Brasil: a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla. Celebrada anualmente entre os dias 21 e 28 de agosto, a campanha é um marco para conscientizar a sociedade sobre a importância da luta pela defesa, garantia e promoção de

direitos das pessoas com deficiência e suas famílias.

Alicerçada sob o tema “Nossa história: quem somos e o que fazemos”, a edição de 2024 destacou a trajetória de 70 anos do movimento apaeano e a sua atuação incansável na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa. A campanha não somente celebrou

as conquistas históricas da organização, mas também reforçou o comprometimento contínuo de superar os desafios que ainda existem no Brasil para garantir o pleno acesso das pessoas com deficiência à educação, saúde, trabalho, esporte, arte e demais direitos fundamentais.

Desde a sua criação, em 1963, a Semana Nacional desempe-

nha um papel crucial na mobilização em torno da defesa, garantia e promoção de direitos das pessoas com deficiência. E, ao longo da história, como mostrou a última campanha, a Apae Brasil tem sido protagonista em importantes avanços legislativos, tais como a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que prevê a concessão ao Benefício de Prestação Continuada (BPC), a Lei de Cotas e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), sendo esta uma das mais avançadas e modernas do mundo e que marcou o início de um novo olhar para as pessoas com deficiência e suas famílias.

Em 2024, a campanha apontou a atuação ativa e efetiva da Rede Apae no processo da

A NOSSA LUTA É POR EQUIDADE!

conquista de autonomia, independência, protagonismo e oportunidades para as pessoas com deficiência e suas famílias, para que se tornem protagonistas de suas próprias histórias. Trouxe também um enfoque no conceito de equidade, evidenciando que a diferença é o que nos torna únicos, onde cada pessoa tem necessidades e contextos específicos que devem

ser respeitados para alcançar resultados justos.

Além disso, a logo da iniciativa, tendo como pilares as palavras norteadoras cidadania, inclusão, oportunidades, respeito e representatividade, foi retratada pela impressão digital, que é um dos maiores símbolos da individualidade humana. Isto é, viver em sociedade é reconhecer, respeitar e apoiar as diferenças naqui-



lo que as pessoas precisam. Dessa forma, a diferença é o que nos torna únicos.

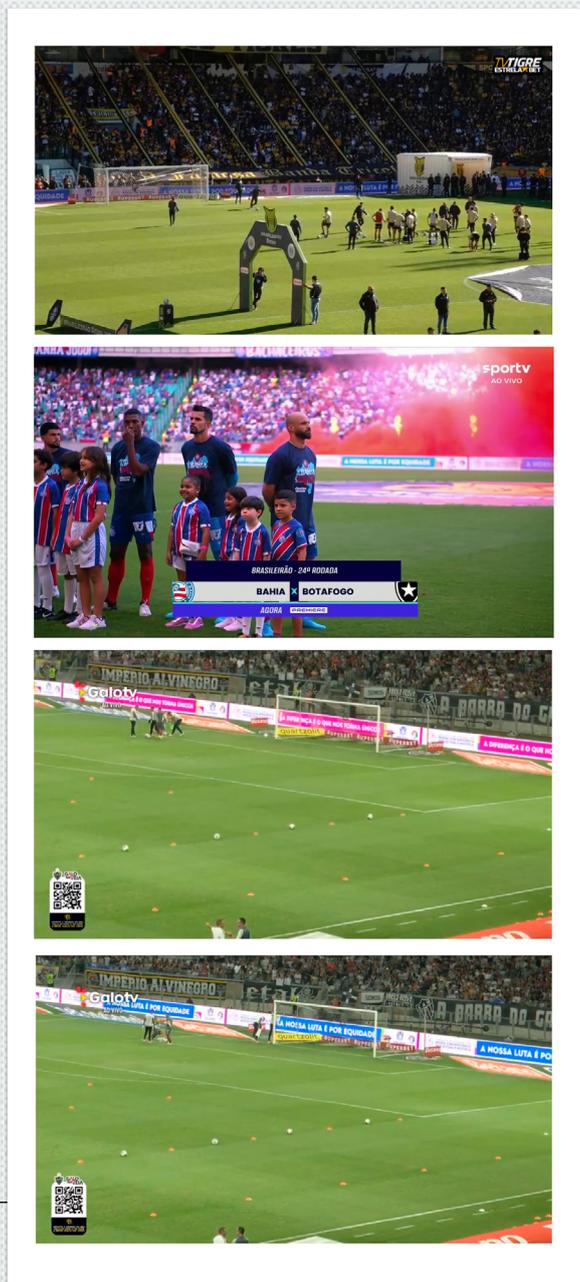
Por meio de debates, palestras, eventos e mobilizações, a Semana Nacional estimulou a reflexão acerca do papel de cada um na construção de uma sociedade inclusiva. Pensando nisso, a Apae Brasil realizou diversas ações para engajar a sociedade. Foram produzidos vídeos institucionais e conteúdos digitais que apresentaram histórias de superação, tais como as de Massilon Araújo, Thiago Carvalho, Alice Santos, Ana Luíza Lopes e Witor Hugo Brito. Essas histórias destacaram o impacto positivo das ações da Rede apaeana, presente em 2.264 municípios brasileiros. Somado a isso, em articulação uníssona, a Apae Brasil, as Federações das Apaes dos Estados (Feapaes) e as Apaes fizeram cards e vídeos para as redes sociais e mobilizações para fortalecer o tema e a mensagem da Semana.

A parceria com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) também foi um dos pontos altos da campanha, marcando o quarto ano consecutivo dessa colaboração. Nos jogos da 24ª rodada do Brasileirão Betano, nos dias 24, 25 e 26 de agosto, além da publicação de conteúdo em collab no site e nas redes so-

ciais de ambas as entidades, foi exibido um vídeo institucional da Apae Brasil nos painéis de LED nos estádios, corroborando assim a milhões de torcedores e espectadores a importância do movimento apaeano na vida das pessoas com deficiência e suas famílias e o seu trabalho na luta por inclusão e equidade.

Em 2025, a Apae Brasil busca ampliar o impacto da Semana

Nacional, incentivando a sociedade a se engajar na causa das pessoas com deficiência e suas famílias. O objetivo é garantir que essas pessoas tenham ainda mais vez e voz, realçando, consequentemente, que não são doentes nem precisam de caridade. São cidadãos dotados de inteligência, capacidade e possibilidades, e que merecem respeito, direito à cidadania e acesso a oportunidades.





APAE BRASIL PARTICIPA DA 17ª EDIÇÃO DA COSP, EM NOVA YORK

SÉRGIO SAMPAIO BEZERRA
SUPERINTENDENTE DO INSTITUTO
DE ENSINO E PESQUISA
DARCI BARBOSA (IEP-MG)
WAGNER SALTORATO
ANALISTA DE PESQUISA
DA APAE BRASIL

A Conferência dos Estados Partes da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (COSP) é um evento internacional central para avaliar os avanços na implementação dos direitos das pessoas com deficiência e discutir desafios emergentes. A 17ª Sessão da COSP, realizada de 11 a 13 de junho

de 2024, chamada também de COPS17, ocorreu na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York. Reuniu governos, organizações da sociedade civil e outras partes interessadas para abordar questões globais relacionadas à inclusão das pessoas com deficiência em tempos de crise.

Dentro desse contexto, a COSP17 foi estruturada em três subtemas principais. O primeiro, copresidido pelo Sri Lanka e um representante da sociedade civil, tratou

da cooperação internacional para promover inovações tecnológicas e a transferência de conhecimento para um futuro inclusivo. O segundo subtema, liderado pela Geórgia, focou nas pessoas com deficiência em situações de risco e emergências humanitárias, ressaltando a importância de ações coordenadas em cenários de crises, como as guerras na Ucrânia e Síria, e desastres climáticos, como o ocorrido no Rio Grande do Sul. O terceiro subtema, presidido pela Grécia, abordou a promoção

dos direitos das pessoas com deficiência ao trabalho decente e meios de subsistência sustentáveis, destacando o papel da inclusão econômica na promoção de uma sociedade mais justa e acessível.

A delegação da Apae Brasil marcou presença na 17ª Conferência dos Estados membros sobre a Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (COSP), em um momento em que o mundo enfrenta desafios significativos relacionados à deficiência e crises humanitárias e climáticas. Essas crises sublinham a necessidade urgente de governos e organizações da sociedade civil estarem preparados para minimizar os impactos na população de pessoas com deficiência. É crucial desen-

volver estratégias e ações eficazes para garantir a proteção e o suporte necessários durante essas emergências. A conferência também destacou a importância de estudos interseccionais no campo da deficiência, considerando recortes de gênero, raça e classe social, para aprofundar as discussões com perspectivas múltiplas e não binárias.

A delegação da Rede Apae contou com a participação de representantes da instituição. Pela Apae Brasil, estiveram presentes o professor Jarbas Feldner de Barros e Léo Loureiro, presidente e vice-presidente, respectivamente. Além deles, Adinilson Marins e Wagner Saltorato, conselheiros titular e suplente da entidade no Con-

selho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade), também integraram a delegação. A Federação das Apaes do Estado de São Paulo (Feapaes-SP) reforçou essa representação com a presença de sua presidente, Cristiany de Castro, e do procurador Jurídico, Paulo Vieira. A equipe foi complementada por especialistas de renome da Faculdade Apae Brasil – Dr. Eduardo Barbosa, a exemplo da mestra Fabiana Lisboa e do doutor Sérgio Sampaio Bezerra, cujas contribuições foram fundamentais para o sucesso da participação na conferência.

A representação do Brasil foi liderada pela secretária nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Anna



Paula Feminella, que esteve à frente da delegação do país pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), que proferiu um discurso brilhante, enfatizando a importância de uma abordagem inclusiva e multifacetada para enfrentar esses desafios. A presença do representante da Federação Nacional das Apaes no Conade e vice-presidente da Federação da Apaes do Estado de Minas Gerais (Feapaes-MG) foi notável. A sua vivência da deficiência em Nova York, uma cidade reconhecida pela acessibilidade e serviços inclusivos, trouxe insights valiosos para o movimento apaeano. Adinilson Marins destacou a necessidade de outros governos aprenderem com os modelos de acessibilidade implementados em Nova York, como os serviços regulares de táxis acessíveis.

As diretrizes globais apresentadas na conferência foram claras e apontam para a necessidade de ações coordenadas e eficazes para apoiar as pessoas com deficiência, especialmente em contextos de crises climáticas e humanitárias. O movimento das Apaes brasileiras precisa se debruçar sobre essas diretrizes para encontrar formas de apoiar as pessoas com deficiência em situações como a crise climática



no Rio Grande do Sul.

Tecnologia e conhecimento

A inovação tecnológica é um fator essencial para a inclusão das pessoas com deficiência, e a Rede Apae pode aproveitar as lições discutidas na COSP para ampliar o seu papel na promoção de tecnologias assistivas. O debate, copresidido pelo Sri

Lanka, reforçou a necessidade de cooperação global para facilitar o acesso a essas inovações, principalmente nos países em desenvolvimento. Nesse contexto, é importante destacar as iniciativas promovidas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) do Brasil, que têm buscado fomentar a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologias inclusivas,

com foco em dispositivos assistivos, soluções tecnológicas e mediações assistivas em serviços de apoio voltadas para a inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, na educação e na vida cotidiana.

As mediações assistivas e os serviços de apoio, como o cuidado personalizado, desempenham um papel vital na implementação dessas tecnologias. Além dos dispositivos físicos, tais como cadeiras de rodas motorizadas e aparelhos auditivos, essas mediações compreendem soluções como plataformas digitais de apoio à aprendiza-

gem e serviços de cuidado especializado. Como destaca Rodrigues (2022, p.85), “as mediações assistivas e os serviços de cuidado não apenas complementam a funcionalidade dos dispositivos tecnológicos, mas também promovem uma adaptação personalizada, garantindo que as pessoas com deficiência possam usá-los de maneira eficaz em suas rotinas diárias”.

Entre as ações do MCTI, destaca-se o Programa de Tecnologia Assistiva, que incentiva o desenvolvimento de equipamentos e serviços voltados para aumentar a autonomia e a qualidade de vida de pes-

soas com deficiência. Segundo (2022, p. 50), “a inovação tecnológica no Brasil tem avançado consideravelmente em termos de dispositivos de comunicação aumentativa e alternativa (CAA) e tecnologias de mobilidade, essenciais para garantir a inclusão social e econômica das pessoas com deficiência”. Essas iniciativas refletem a importância de um alinhamento entre governos e sociedade civil organizada com entidades como a Rede Apae para garantir que essas inovações sejam acessíveis e implementadas em larga escala.

A Rede Apae, em parceria com outras organizações in-



ternacionais, pode contribuir para essa agenda promovendo a troca de conhecimentos e tecnologias inclusivas, como as já citadas ferramentas de CAA, softwares educacionais adaptados, além de novas tecnologias desenvolvidas com o apoio de programas governamentais. Incorporar essas inovações nos serviços oferecidos pelas Apae pode não apenas otimizar o atendimento, mas também garantir maior autonomia e qualidade de vida para as pessoas com deficiência intelectual e múltipla. Conforme destaca Cruz (2021, p. 45), “a mediação assistiva é essencial para garantir

que as tecnologias inclusivas sejam utilizadas de forma eficaz, permitindo que as pessoas com deficiência desenvolvam autonomia e participem plenamente na sociedade”.

Além disso, a cooperação internacional se apresenta como uma oportunidade crucial para a Apae Brasil fortalecer o seu impacto na sociedade brasileira. Parcerias com organizações globais podem facilitar o acesso a pesquisas e desenvolvimentos tecnológicos que estejam na vanguarda da inclusão, permitindo às Apaes implementarem essas inovações em suas unidades de atendimento. Essa integração

de tecnologias assistivas à prática cotidiana da instituição reflete a necessidade de uma abordagem mais abrangente e globalizada, como preconizada nas discussões da COSP17.

Assim, os serviços oferecidos na Rede Apae garantem que as pessoas com deficiência tenham acesso ao suporte necessário para utilizar as tecnologias assistivas de maneira efetiva, promovendo uma inclusão real em diversos contextos da vida social e laboral. Conforme afirma Mendes e Oliveira (2023 p. 112), “o sucesso de qualquer inovação tecnológica inclusiva está na combinação entre a tecnologia e os serviços de mediação e cuidado, que asseguram o desenvolvimento da autonomia e a participação plena das pessoas com deficiência”.

Situações de risco e emergências humanitárias

A discussão liderada pela Geórgia na 17ª COSP ressaltou a vulnerabilidade das pessoas com deficiência em situações de risco, como conflitos armados e desastres naturais, especialmente em face das recentes crises climáticas, como a no Rio Grande do Sul. A exclusão dessas pessoas em emergências pode ser exacerbada pela falta de acessibilidade em abrigos e transporte, tornando-as ainda mais suscetíveis a riscos. A Apae Brasil





pode desempenhar um papel crucial ao incorporar estratégias de mitigação de riscos e desenvolvimento de planos de emergência que garantam acessibilidade, além de formar parcerias com órgãos públicos e organizações internacionais para promover políticas públicas que atendam especificamente às necessidades das pessoas com deficiência.

A Rede Apae sempre esteve envolvida na defesa e implementação de políticas públicas que assegurem suporte adequado em situações de risco. Segundo Dias e Costa (2022 p. 45), “a inclusão das pessoas com deficiência nos planos de resposta a emergências deve ser uma prioridade”, o que requer uma abordagem intersetorial envolvendo educação, saúde e assistência social. Com sua

ampla rede de atuação e experiência, a partir da COSP17 a Rede Apae pode atuar como um elo importante na articulação de diretrizes internacionais e nacionais, garantindo a proteção e inclusão das populações vulneráveis em contextos de crises.

Trabalho

A promoção dos direitos das pessoas com deficiência ao trabalho decente é essencial para garantir dignidade e inclusão. O subtema liderado pela Grécia na COSP destacou a necessidade de criar oportunidades de emprego inclusivo e sustentável. As Apaes já desempenham um papel ativo na capacitação profissional de pessoas com deficiência, por meio do programa Emprega Apae, que visa facilitar a inserção dessas pessoas no mercado

de trabalho formal. Esse programa não apenas promove a capacitação, mas também estabelece parcerias com setores público e privado para garantir acesso a vagas de emprego adequadas.

Além disso, as Apaes podem desenvolver programas que incentivem o empreendedorismo, permitindo que pessoas com deficiência não apenas trabalhem, mas também inovem e contribuam para a economia. A promoção do trabalho decente requer ainda a defesa de mudanças nas políticas de emprego para assegurar condições de trabalho acessíveis, inclusivas e justas. Como afirma Sérgio Sampaio Bezerra (2022, p.30), “a inclusão no mercado de trabalho é um direito inalienável e deve ser garantida por meio de políticas públicas

que favoreçam a diversidade e a equidade”. Dessa forma, a Rede Apae tem a oportunidade de liderar iniciativas que não só garantam emprego, mas que também promovam um ambiente de trabalho inclusivo e sustentável.

Catalisador essencial

Em síntese, a 17ª COSP abordou questões cruciais sobre a inclusão das pessoas com deficiência, enfatizando a necessidade de inovação tecnológica, a proteção em situações de crise e o acesso a trabalho decente e sustentável. A Rede Apae, com o seu compromi-

so histórico e abrangente na promoção dos direitos das pessoas com deficiência, está bem posicionada para liderar iniciativas que integram esses subtemas. Ao colaborar com governos, organizações internacionais e o setor privado, as Apaes podem ampliar o seu impacto e contribuir significativamente para as discussões da Cúpula do Futuro.

A implementação de políticas inclusivas, a promoção de tecnologias assistivas e a criação de oportunidades de emprego são passos fundamentais para garantir que

as vozes das pessoas com deficiência sejam ouvidas e respeitadas, moldando um futuro mais justo e equitativo para todos. Como ressalta Maior (2020, p. 45), “a verdadeira inclusão é aquela que transforma não apenas as estruturas sociais, mas também as mentalidades e práticas que perpetuam a exclusão”. Assim, a missão da Rede Apae não apenas se alinha com os princípios discutidos na COSP, mas também se projeta como um catalisador essencial para transformar essas diretrizes em ações concretas em prol da inclusão plena.





APAE BRASIL EXERCE PAPEL FUNDAMENTAL NO G20 SOCIAL

Evento foi espaço para amplificar as vozes da sociedade civil e propor políticas que promovam justiça social, econômica e ambiental

ANA CAROLINA SANTANA

A Federação Nacional das Apaes (Fenapaes) participou da Cúpula do G20 Social, realizada entre os dias 14 e 16 de novembro, no município do Rio de Janeiro (RJ). Sob o lema “Construindo um mundo justo e um planeta sustentável”, o encontro reuniu organizações da sociedade civil e representantes do governo que discutiram estratégias para o combate às desigualdades, à fome e à

pobreza; sustentabilidade e enfrentamento às mudanças climáticas; e a reforma da governança global.

Representada por Adinilson Marins, coordenador nacional de Defesa de Direitos e Mobilização Social; Wagner Saltorato, analista de Pesquisa; Graziela Gualberto, assessora técnica; e Márcia Rocha, vice-presidente do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e superintendente

da Apae do Rio de Janeiro, a comitiva apaeana participou de atividades autogestionadas e plenárias.

Durante as discussões, a Fenapaes apresentou contribuições para a redação da declaração final, e destacou o papel das Apaes como rede de apoio para as pessoas com deficiência intelectual e múltipla. A presença da instituição na Cúpula foi estratégica, a fim de garantir que as

demandas das pessoas com deficiência fossem incluídas nos compromissos globais discutidos no evento.

“O movimento apaeano trouxe a marcação de um público muitas vezes invisibilizado”, destacou Wagner. “Estivemos aqui para reforçar que a inclusão das pessoas com deficiência não pode ser negligenciada nas discussões globais sobre justiça social e sustentabilidade”, reforçou.

A comitiva também evidenciou a necessidade de integrar as pautas da deficiência com outros temas debatidos, como mudanças climáticas, segurança alimentar e crises sanitárias. Durante as atividades, foram discutidas situações como a vivida no Rio Grande do Sul durante as enchentes recentes, que agravaram a vulnerabilidade das pessoas com deficiência, frisando a necessidade de políticas públicas mais inclusivas em cenários de emergência.

Reflexos

A participação no G20 Social acentuou ainda os desafios enfrentados pela Rede Apae Brasil, hoje presente em 2.264 municípios das cinco regiões do país. Um dos principais pontos de reflexão para a entidade é a adaptação das suas práticas às sete áreas prioritárias definidas no en-

contro, a exemplo do enfrentamento da pobreza e o uso de novas tecnologias.

“Precisamos preparar as pessoas com deficiência e suas famílias para esses desafios globais, com foco na inclusão, na autonomia e na participação política. E isso exige uma Rede cada vez mais fortalecida e conectada às discussões”, explicou Wagner Saltorato.

A defesa de direitos das pessoas com deficiência não pode se limitar aos eventos internacionais. Como destacou o analista de Pesquisa, a atuação da Apae e de outras organizações precisa estar presente nos conselhos de políticas públicas, nos âmbitos federal, estadual e municipal.

“A sociedade civil tem o papel de apontar, sinalizar, deliberar e acompanhar as políticas públicas, para que elas se efetivem. Isso não pode parar no G20. Nós precisamos levar essa agenda para o cotidiano das nossas ações”, concluiu.

SUAS

Um dos momentos de destaque foi a participação de Márcia Rocha na atividade autogestionada “O SUAS e a Rede de Proteção Social: articulações entre Estado e Sociedade Civil no combate às desigualdades”. Em seu discurso, abordou a importância da Rede Apae Brasil no

enfrentamento das vulnerabilidades sociais.

“Estamos aqui para falar sobre como o SUAS e as organizações de sociedade civil, como a nossa [Fenapaes], se organizam para combater as desigualdades. A pessoa com deficiência intelectual e múltipla enfrenta desafios que vão além de sua condição. É um trabalho contínuo, mas essencial para a inclusão e o protagonismo dessas pessoas”, afirmou.

A vice-presidente do CNAS apontou ainda o papel do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no combate às desigualdades e à fome. Ela ressaltou a capilaridade do SUAS e a sua capacidade de atender as populações mais vulneráveis.

“O SUAS é a maior rede existente no Brasil para atender a população vulnerável. Representamos cerca de 32 mil unidades de atendimento em todo o país, e o trabalho de entidades como a Apae é essencial no enfrentamento dessas desigualdades”, acrescentou.

Além disso, Márcia trouxe à tona o conceito de dupla vulnerabilidade, que caracteriza as pessoas com deficiência intelectual e múltipla. Para ela, além das questões sociais e econômicas, essas pessoas enfrentam desafios especifi-

cos ligados à sua condição de deficiência.

“A pessoa com deficiência já vive em situação de vulnerabilidade, mas, no caso da deficiência intelectual e múltipla, essa vulnerabilidade é ampliada. O nosso desafio é garantir não somente a inclusão, mas também o protagonismo dessas pessoas, promovendo a sua integração plena na sociedade”, afirmou.

Protagonismo

No evento, a Fenapaes apresentou a sua política de autodefensoria, uma iniciativa que prepara as pessoas com deficiência para exercerem liderança e incidência política. Márcia Rocha explicou que essa política permite ter representantes municipais, estaduais e nacionais.

“Nós trabalhamos para que essas pessoas sejam protagonistas. Não escolhemos quem tem mais habilidades, mas sim quem tem vontade de participar”, disse.

A iniciativa foi apontada como exemplo de como a sociedade civil pode atuar na promoção de justiça social e inclusão, fortalecendo cada vez mais o SUAS e ampliando as vozes das populações historicamente invisibilizadas.

Declaração final

Além de atividades autoges-

tionadas, a comitiva apaeana contribuiu ativamente com propostas para a inédita declaração final, entregue ao presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. O documento contém recomendações para fortalecer políticas públicas, com foco na justiça social e redução de desigualdades.

“As contribuições da Apae Brasil garantem que as pessoas com deficiência sejam atendidas em espaços de decisão. A nossa participação no G20 Social é a prova de que o movimento apaeano está preparado para influenciar debates globais e apresentar soluções”, disse Wagner Saltorato.





FACULDADE APAE BRASIL É CREDENCIADA PELO MEC PARA OFERTAR CURSOS SUPERIORES A DISTÂNCIA

Instituição começa a operar no segundo semestre de 2025

ANA CAROLINA SANTANA

O Ministério da Educação (MEC) publicou no dia 26 de novembro, no Diário Oficial da União (DOU), a Portaria nº 1.134, que credenciou a Faculdade Apae Brasil – Dr. Eduardo Barbosa para a oferta de cursos superiores na modalidade a distância. Pela previsão, as atividades acadêmicas terão início no segundo semestre de 2025,

após o vestibular programado para maio do mesmo ano.

O credenciamento permite que a instituição inicie as suas atividades, que foram desenvolvidas com uma proposta curricular diferenciada. O primeiro curso a ser ofertado será a graduação em pedagogia, com foco na formação de professores especializados em educação inclusiva, voltada

para o desenvolvimento de pessoas com deficiência intelectual e múltipla.

“Nós somos um movimento de defesa de direitos das pessoas com deficiência, e uma das nossas etapas é a capacitação. E, desde o início, o objetivo da faculdade foi preparar melhor as nossas equipes e oferecer serviços de qualidade. Essa

conquista, então, é resultado de anos de trabalho e representa um grande passo para a inclusão”, destacou o presidente da Federação Nacional das Apaes (Fenapaes), prof. Jarbas Feldner de Barros.

Educação especializada

A criação da Faculdade Apae Brasil é fruto de anos de trabalho e visa atender a uma necessidade central da Rede Apae e da sociedade brasileira: a capacitação de profissionais para trabalhar com pessoas com deficiência intelectual e múltipla.

O diretor-geral da instituição, Erivaldo Fernandes Neto, enfatizou que o curso de pedagogia foi desenvolvido com um enfoque prático, envolvendo atividades de extensão e disciplinas optativas voltadas para a avaliação e o desenvolvimento educacional de pessoas com deficiência.

“Nosso desafio é qualificar professores para atuarem com uma didática diferenciada e currículos adaptados às necessidades de apoio. O curso é fundamentado nas escalas de desenvolvimento mais conceituadas e cientificamente validadas, para que possamos formar profissionais aptos a lidar com a diversidade em sala de aula”, explicou.

Trajetória

A ideia da Faculdade Apae Brasil surgiu em 2009, com a criação da Universidade Corporativa da Rede Apae (Uniapae), que oferecia capacitações de curta duração para os profissionais da Rede. Em 2018, foi iniciada uma área de pesquisa no Instituto Apae Brasil, e, em 2021, o projeto de credenciamento da faculdade foi formalizado junto ao Ministério da Educação.

De acordo com Neto, foram necessárias diversas adequações para atender às exigências do MEC, incluindo a reestruturação física na sede da Fenapaes, em Brasília (DF), e a realização de visitas técnicas.

“Passamos por duas visitas do MEC, sendo uma para avaliar o curso de pedagogia e outra para o credenciamento institucional. Toda a equipe precisou ser capacitada e passar por formações específicas para cumprir as exigências do ministério”, esclareceu.

O prof. Jarbas Feldner reforçou que a mais nova con-

quista é fruto de um esforço coletivo, frisando que o trabalho envolveu a equipe técnica da Fenapaes. “Cada setor colaborou para que pudessemos alcançar esse resultado. Foi um projeto que começou como algo institucional, mas se tornou uma causa de todo o movimento apaeano”, acrescentou.

Próximos passos

Com o credenciamento oficializado, os próximos meses serão dedicados à revisão dos conteúdos já produzidos, à gravação de novas aulas e à organização dos processos acadêmicos. O vestibular para o curso de pedagogia está previsto para maio de 2025, com o início das aulas no segundo semestre do mesmo ano.

“Nós já temos boa parte do conteúdo produzido, mas precisamos atualizar e revisar tudo para garantir a qualidade. Nos próximos seis meses, o nosso foco será organizar a estrutura necessária para iniciar as atividades da faculdade”, finalizou Erivaldo Neto.





PESQUISA TRAZ DETALHES DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO MUNDO DO TRABALHO

**IRACEMA APARECIDA DOS
SANTOS FERREIRA**

COORDENADORA DE INCLUSÃO NO
MUNDO DO TRABALHO DA APAE BRASIL

A presente pesquisa, voltada para a temática de empregabilidade de pessoas com deficiência, foi realizada com apoio recebido pela Federação Nacional das Apaes (Fenapaes) pelo projeto de extensão intitulado “Efetividade e Coesão Social dos Programas e Projetos das Apaes voltados à inclusão de pessoas com deficiên-

cia no Mundo do Trabalho”.

Buscou-se avaliar o impacto das ações desenvolvidas pelas Apaes com ênfase na empregabilidade de pessoas com deficiência. A escolha desse universo empírico ocorreu por intermédio da Fenapaes, que teve como base uma pesquisa realizada pela própria entidade com o objetivo de identificar a quantidade de pessoas com deficiência contratadas, com o apoio das Apaes, em 2022. As

Apaes escolhidas foram as seis unidades que tiveram o maior número de contratações, sendo Americana (SP), Itajaí (SC), Poços de Caldas (MG) Passo Fundo (RS) e Brasília (DF).

A pesquisa, realizada de forma presencial, envolveu entrevistas com gestores das Apaes, responsáveis pela contratação nas empresas parceiras, famílias dos usuários participantes do programa de empregabilidade e as próprias

pessoas com deficiência.

A avaliação da coesão da Rede considerou atributos de relacionamento, como regras e uso, comunicação, centralidade, controle e frequência das relações em rede. Também foram analisados atributos dos atores participantes da Rede, incluindo agilidade, reputação, cooperação, esforços para manutenção e esforços para novos ganhos da rede. Esses atributos foram definidos conforme Paulillo (2006), destacando a importância de aspectos como regras e uso na institucionalização da Rede, a capacidade de comunicação para promover confiança e facilitar o fluxo de informações, a centralidade como medida de atividade e rapidez nas interações,

o controle na influência e acompanhamento dos atores, a frequência como indicador de interações, agilidade na resposta, reputação relacionada ao poder e status, cooperação para manter relacionamentos bem-sucedidos, e esforços para manutenção e novos ganhos da Rede.

Participaram da pesquisa um total de 219 pessoas, sendo que um número significativo (42,46%) são pessoas com deficiência. Do restante, 37,89% são membros de famílias das pessoas com deficiência; 15,52% das empresas que fizeram a contratação em 2022; e 4,11% representantes das seis Apaes participantes.

Em relação às empresas, foi possível classificá-las em 16

ramos de atuação diferentes, prevalecendo o varejo (11 empresas) e os setores alimentícios (4) como os principais. Além disso, há existência de contratação no setor público/governamental (3), na área da educação (2), na indústria farmacêutica (2) e no setor jurídico (2).

Todas as empresas entrevistadas possuem parceria com uma das Apaes analisadas, sendo que a maioria das empresas entrevistadas (41,18%) são do Distrito Federal, seguido por Santa Catarina (32,35%), São Paulo (17,65%), Minas Gerais (5,88%) e Rio Grande do Sul (2,94%). É importante ressaltar que trata-se de uma amostragem em relação às contratações daquele ano e



nem todas as empresas contratantes optaram por participar das entrevistas. Essas empresas têm uma média de 23 anos de atuação nas cidades mencionadas. A média estimada de anos de parceria das empresas com as Apaes é de cerca de cinco anos, com relatos de parcerias existentes há menos de um ano ou até mais de dez anos.

Observa-se que a maioria das empresas afirmou estar em conformidade estrita ou mesmo superar as exigências estabelecidas pela Lei de Cotas. Isso demonstra um comprometimento das empresas

com a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, contribuindo positivamente para a promoção da igualdade de oportunidades e reflete a importância das parcerias com as Apaes frente à atuação na área de empregabilidade.

Por outro lado, há uma minoria de empresas que admitiram não cumprir as cotas obrigatórias ou não forneceram informações claras a esse respeito. Isso sugere áreas onde melhorias são necessárias para garantir maior conformidade com a legislação vigente.

O principal grupo contra-

tado por meio das parcerias com as Apaes é composto por pessoas com deficiência intelectual, refletindo o foco geral das Apaes, que representa aproximadamente 83% do total. Em seguida, temos pessoas com deficiência auditiva/surdez (8%), transtorno do espectro autista (4%), deficiência física (3,2%) e deficiência visual e síndrome de Down, cada uma com 0,8%. Algumas Apaes também oferecem oportunidades de emprego para pessoas com outras deficiências, que não são necessariamente alunos das instituições. Adicionalmente, há casos de pessoas com múltiplas deficiências, que podem incluir mais de um tipo de deficiência.

Em relação às Apaes participantes, como supracitado, foram escolhidas seis entidades que se destacaram nos números de contratação de pessoas com deficiência em 2022. Participaram um total de nove representantes, por uma das Apaes possuir quatro sedes no município. Todas as entidades possuem pavimentação pública, iluminação pública, acesso à água potável e esgoto encanado, transporte público acessível, internet e computadores em suas instalações. Apenas uma das entidades é localizada em bairro periférico.

De uma forma geral, todas



as Apaes têm a missão de promover e articular ações de defesa de direitos e prevenção, orientações, prestação de serviços, apoio às famílias, direcionadas à melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência e à construção de uma sociedade justa e solidária.

Aproximadamente 50% das entidades foram inauguradas na década de 1960, sendo 33% na década de 1970 e 16% na de 1980. O programa de empregabilidade teve início posteriormente, sendo criado entre a década de 1980 e os anos 2010. O financiamento de recursos materiais e humanos é variado e complementar, atendendo as demandas da instituição com origens federais, municipais, estaduais, privadas e/ou de doações. As Apaes participam de programas federais, estaduais e municipais, e possuem convênios com as Secretarias municipais e estaduais de Educação, o Sistema Único de Saúde (SUS) e outros programas/convênios para manter a entidade em funcionamento. Além disso, algumas têm parcerias com universidades federais e iniciativas privadas, especialmente para sustentar o programa de empregabilidade.

Quanto ao programa de empregabilidade, as equipes que o compõem são variadas. Al-



gumas entidades têm uma equipe própria, contratada especificamente para o programa, enquanto outras recebem equipes cedidas pelas Secretarias de Educação estadual ou municipal. Além disso, outras contam com profissionais que atuam parcialmente no programa, dividindo as suas responsabilidades com outras atividades nas Apaes. Em relação às metodologias utilizadas para o programa, foram citadas a metodologia do Emprego Apoiado (1), metodologias próprias, baseadas em diretrizes do Estado e da Fe-

napaes (2); a partir de projetos desenhados com as empresas contratantes (1); e as oficinas profissionalizantes (2).

Os tipos de deficiência dos usuários empregados que participam do programa de empregabilidade podem ser divididos em dois grupos, de acordo com as respostas das Apaes, sendo: (1) deficiência intelectual, deficiência múltipla, TEA; (2) deficiência intelectual, deficiência física, deficiência auditiva, deficiência visual, deficiência múltipla, transtorno do espectro autista (TEA). A

maioria das entidades atendem somente a deficiência intelectual, deficiência múltipla e o TEA, por fazer parte do escopo de atuação de todas as unidades apaeanas do Brasil, enquanto outras abriram o programa para atender à comunidade e, conseqüentemente, a demais tipos de deficiência.

As pessoas com deficiência participantes representam a maior parte dos participantes, totalizando 42,46%. Entre essas, a deficiência intelectual é a mais prevalente, com 56,99%. Outros tipos de deficiência incluem síndromes/doenças raras (6,45%), deficiência física (3,23%), TEA (3,23%), demais

transtornos como TDAH e dislexia (3,23%), deficiência auditiva (2,15%), deficiência múltipla (2,15%) e deficiência visual (2,15%). Uma parcela de 20,43% dos participantes não especificou o tipo de deficiência. Além disso, 38,71% dos participantes possuem ensino médio completo, e a média de idade é de 35 anos.

Foram entrevistados todos os familiares e/ou responsáveis das pessoas com deficiência que, de alguma forma, participaram do processo de contratação dessas pessoas. Entre os entrevistados, 84,94% são do gênero feminino, com uma média de idade de 60 anos. A maioria, 65%, reside

em casa própria e 21% possuem o ensino fundamental II completo. Quanto à raça/cor, 59% se identificam como branca; 25%, preta; 14%, parda; e 2%, amarela.

Os dados socioeconômicos revelam que 67% dos entrevistados residem em casa. Todos os participantes (100%) possuem água encanada e energia elétrica, e 99% têm acesso à internet. Em relação à composição familiar, 32% indicaram que vivem com mais duas pessoas, totalizando três moradores por residência. No que diz respeito ao transporte, 46% dos entrevistados utilizam o transporte público como principal meio de locomoção.



**TANARA TEREZINHA FOGAÇA ZATTI**

PEDAGOGA, MESTRA E DOUTORANDA EM EDUCAÇÃO E COORDENADORA DE ENVELHECIMENTO DA APAE BRASIL

O envelhecimento da população mundial é assunto recorrente em noticiários e pesquisas de organizações governamentais e universidades, nos campos da geriatria, gerontologia, gerontecnologia e áreas correlatas. Os dados divulgados pelo Censo 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), evidenciam o aumento do contingente total da população de pessoas idosas (acima de 60 anos) com perspectivas para uma inversão da pirâmide etária.

O fenômeno abrange também as pessoas com deficiência, ressaltando que essa população envelhece muitas vezes de forma precoce, podendo apresentar características desse processo a partir dos 40 anos (Guilhoto et. al, 2014). É preciso refletir ainda quanto aos casos de duplo envelhecimento, isto é, quando pais ou cuidadores da pessoa com deficiência idosa também são idosos.

O envelhecimento da população com deficiência pode apresentar desafios específicos e significativos, que abrangem as questões físicas, emocionais e sociais tanto para a pessoa com deficiên-

ESTRATÉGIAS INTEGRAIS E INTEGRADAS PARA O ENVELHECIMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E O APOIO ÀS FAMÍLIAS NA REDE APAE

cia quanto para os seus familiares e cuidadores.

Buscando ampliar a reflexão e a visibilidade do processo, a Rede Apae Brasil, por meio da articulação das coordenadorias nacionais, tem buscado oportunizar mais participação social, acesso a serviços e atendimento nas áreas de assistência social, saúde e educação.

Ao priorizar olhares à pessoa com deficiência idosa, às pessoas com deficiência em processo de envelhecimento e suas famílias, a Rede tem procurado estudar a temática do envelhecimento em uma perspectiva de transversalidade e organizar a estrutura de atendimentos em uma perspectiva de atenção integral e integrada para promover processos significativos para essa fase da vida.

Assim, ao estimular reflexões e ações de acolhimento às famílias, a participação social das pessoas com deficiência idosas, a atenção e promoção da saúde, acompanhamento socioassistencial, estimulação cognitiva e funcional, atividades esportivas, artísticas e culturais, o fortalecimento de vínculos, a ampliação e a consolidação de redes de apoio familiares e comunitárias, a implementação e qualificação de serviços, das políticas públicas,

garantia de direitos e a participação em órgãos representativos, busca-se referendar um trabalho em rede, tendo como premissa a sustentabilidade e a qualidade de vida, abrangendo as diversas realidades dos processos de envelhecimento das pessoas com deficiência e das Apaes em todo o Brasil.

A proposição de reflexões e ações quanto ao processo de envelhecimento em seu contexto de unicidade, singularidade e complexidade histórico-cultural requer pensarmos ações com interlocução entre as diversas áreas. Embora observemos avanços sociais, políticos e tecnológicos para atendimento aos direitos das pessoas com deficiência idosas, prevalece ainda a baixa oferta de serviços públicos para esse público e a falta de acesso, tanto pela caracterização das desigualdades sociais, pela fragilidade na perma-

nência, por necessidades de adequação de práticas, ou pela própria característica excludente do processo ainda, que são vigentes e precisam ser amplamente debatidas.

O fortalecimento da Coordenadoria Nacional do Envelhecimento na Rede Apae Brasil e a articulação com as demais coordenadorias nacionais reforça um novo momento de significação dos atendimentos para as pessoas com deficiência idosas e/ou em processo de envelhecimento, com proposições que buscam favorecer o seu viver com dignidade, saúde e autonomia. Para enfrentar os desafios postos, os debates, o aprofundamento de diálogos, os estudos, as produções, as pesquisas e a qualificação dos atendimentos buscam fortalecer e ampliar as contribuições da Rede Apae Brasil para as pessoas com deficiência nesse ciclo de vida.





A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA DE ZERO A TRÊS ANOS E O PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO PRECOCE

**FABIANA MARIA DAS GRAÇAS
SOARES DE OLIVEIRA**
PROFESSORA, VICE-PRESIDENTE
DA FEAPAES-MS E COORDENADORA
ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E AÇÃO
PEDAGÓGICA E DA REGIÃO
CENTRO-OESTE

Caro leitor, este artigo vem convidá-lo a refletir conosco uma temática de extremo valor na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Estamos falando do trabalho com crianças de zero a três anos acometidas por intercorrências antes, durante e após o nascimento,

os chamados casos de riscos que acometem vidas. Consequentemente, crianças em situação de nascimento ameaçada antes, durante e após o parto demandam a identificação e intervenção especializadas de forma imediata, de maneira a prevenir os agravos que poderão comprometer a evolução humana.

Estudiosos do assunto esclarecem que a criança não nasce pronta e que, para se desenvolver, precisa incorporar ferramentas que são adquiridas na sua relação

com os outros. “A criança não aprende por si própria nem é a arquiteta exclusiva da sua evolução, ela aprende essencialmente dos outros, através da sua relação com eles (FONSECA, 1995, p. 96).”

Você já parou para pensar no desenvolvimento da criança cujo nascimento é ameaçado por intercorrências, colocando em risco sua vida? Criança que chega ao mundo privada de questões vitais como os reflexos, pele e órgãos essenciais ainda em maturação? Criança que nem

ao menos pode usufruir do aconchego do colo materno, situação muitas vezes prolongada por diversos dias? Essas e outras interrogações nos levam a pensar na família, especialmente nos pais que idealizam o filho e veem seu sonho transformado.

O reconhecimento dos programas de estimulação precoce tem o seu mérito ligado a essas questões e sua finalidade ganhou adesão no meio profissional, nas instituições comprometidas com a causa da deficiência.

Mas você sabe o que significa estimulação precoce?

Estimulação precoce é uma expressão derivada da tra-

dução do espanhol *estimulación temprana e estimulación precoz*, enquanto que do inglês deriva-se da expressão *early stimulation ou early intervention*.

A Política de Educação Especial de 1995 nos diz que se trata de um

Conjunto dinâmico de atividades e de recursos humanos e ambientais e incentivadores que são destinados a proporcionar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo (BRASIL, 1995, p. 11).



O Programa de Estimulação Precoce contribui significativamente com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor das crianças que apresentam defasagem nessas áreas. É essencial pelo seu caráter preventivo, e cuja intervenção de uma equipe multiprofissional registra conquistas e qualidade de vida ao bebê atendido. Vale destacar quanto ao êxito do trabalho com a participação ativa dos familiares junto à criança, sem o qual, existiriam lacunas, comprometendo a qualidade da oferta.

A Rede Apae traz dos primeiros anos de sua experiência a oferta da estimulação precoce em suas unidades educacionais. Por longos anos, até o advento da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS, 1973), contava-se com o financiamento da referida área. A Constituição Federal de 1988 reconheceu a educação infantil de zero a 6 anos como dever do Estado de ofertar e direito de a criança usufruir, resultando em dispositivos incorporados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996).

O sistema de ensino não adotou a expressão estimulação precoce para crianças de zero a 3 anos de idade. Mesmo assim, as unidades educacionais apaeanas vêm mantendo o programa, em-

bora nem sempre com a mesma nomenclatura. Uns denominam estimulação precoce; outros, educação precoce; e há os que usam a expressão estimulação essencial; e, ainda, os que denominam de intervenção precoce.

Para as crianças e suas famílias, certamente não importa o nome, mas sim o investimento efetivo na concretização da oferta tão necessária em suas vidas. Contrariando o processo histórico do programa nas Apaes, diversas unidades deixaram de ofertá-lo, imaginando-se o prejuízo na vida dos bebês e de suas famílias que se viram desorientadas quanto ao futuro de seus entes queridos.

Oportunamente, o atendimento aos bebês com indicativo de deficiência ou com sinais de alerta como diz o texto da legislação vigente ganha espaço na Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que reconhece: “Do nascimento aos três anos, o Atendimento Educacional Especializado se expressa por meio de serviços de estimulação precoce, que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social (BRASIL, 2008, p. 10)”.

A grande conquista aos programas destinados às crian-

ças de zero a três anos surgiu com a promulgação da Lei nº 14.880, de 4 de junho de 2024, cujo caput anuncia

Altera a Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016 (Marco Legal da Primeira Infância), para instituir a Política Nacional de Atendimento Educacional Especializado a Crianças de Zero a Três Anos (Atenção Precoce) e para determinar prioridade de atendimento em programas de visitas domiciliares a crianças da educação infantil apoiadas pela educação especial e a crianças da educação infantil com sinais de alerta para o desenvolvimento, nos termos que especifica.



Os bebês e suas famílias constituem uma população expressiva que fica no aguardo de políticas públicas como essa que se operacionalizadas escreverão uma outra história com resultados promissores em suas vidas.

Fazem parte dessa população, conforme indicam pesquisas, os prematuros. A prematuridade é uma das causadoras da mortalidade infantil e deficiências, transtorno do espectro autista (TEA) e outros. Fonte do Ministério da Saúde informa que, no Brasil, 340 mil bebês nascem prematuros. Em 2020, a Organização Mundial

de Saúde (OMS), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a Parceria para a Saúde Materna, Neonatal e Infantil apontam casos no mundo entre 2000 e 2020 que confirmam que 1 a cada 10 nascimentos é prematuro. Somente em 2020, 13,4 milhões de bebês foram prematuros.

Convidamos a Rede Apae a refletir conosco a necessidade de investir na implementação do Programa de Estimulação Precoce, que também tem o seu espaço na saúde expresso no documento “Diretrizes de Estimulação Precoce: crianças de zero a três anos com atra-

so no desenvolvimento neuropsicomotor (Brasil, 2016)”. Por outro lado, a estimulação precoce pode ser ofertada nas escolas especializadas e/ou em Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE), a depender da legislação educacional implementada nos sistemas de ensino.

Sabemos que o direito à educação nasce com o sujeito, assim como os demais direitos constitucionais. Sabemos também que quanto mais cedo a criança for atendida mais chance terá de conquistar o desenvolvimento global e garantir qualidade de vida.





FEAPAES DO ESPÍRITO SANTO IMPULSIONA QUALIFICAÇÃO NAS APAES COM INICIATIVAS TRANSFORMADORAS

FEAPAES-ES

No cenário desafiador do terceiro setor, onde a necessidade de inovação e eficiência é constante, a Federação das Apaes do Estado do Espírito Santo (Feapaes-ES) tem se destacado nos últimos anos ao investir em novas estratégias para transformar o atendimento às pessoas com deficiência, investindo em projetos estruturantes para o movimento apaeano capixaba.

Entre essas iniciativas, o Apae Qualifica surge como uma das principais ferramentas para capacitar os profissionais das instituições, promovendo a melhoria dos processos de trabalho. Com dois pilares principais – formação profissional de qualidade e retenção de talentos –, o programa fortalece as competências dos colaboradores das Apaes e parceiras, preparando-os para atuarem com mais segurança e eficiência.

Um exemplo prático dessa atuação é o curso “Basis – Jornada de Capacitação para Gestores de Iniciativas Sociais”. Em colaboração com a Fundação Dom Cabral, por intermédio da DVF, o curso tem por finalidade capacitar os gestores das Apaes em áreas como estratégia, governança, processos, mobilização de recursos, finanças e comunicação. A primeira turma teve início em maio e

a capacitação tem duração de sete meses.

“O curso representa uma grande oportunidade para fortalecer a atuação das equipes gestoras. O nosso objetivo é ampliar o que fazemos, devolvendo à sociedade um trabalho de ainda mais qualidade”, destaca a presidente da Feapaes-ES, Maria das Graças Vimercati.

Aprendizagem acessível

Ainda no âmbito do programa Apae Qualifica, a Feapaes capixaba tem trabalhado para tornar os cursos de capacitação e extensão mais acessíveis aos profissionais do terceiro setor, ampliando a oferta de treinamentos na plataforma on-line do Instituto de Ensino e Pesquisa Uniapae-ES.

“A ferramenta tem o objetivo de oferecer novos formatos de aprendizagem de maneira flexível e dinâmica, com conteúdos relevantes e de qualidade nos campos da deficiência, do terceiro setor e de interesse geral”, explica Vimercati.

Parcerias que fazem a diferença

Além das capacitações, a Federação Estadual firmou parcerias estratégicas para expandir as oportunidades de qualificação. Em colaboração com a Universidade Vila Velha (UVV), funcionários das Apaes e seus

dependentes têm acesso a descontos significativos em cursos de graduação e pós-graduação. Já por meio da parceria com a Faculdade Censupeg, os profissionais das Apaes e instituições parceiras podem cursar pós-graduação em Análise do Comportamento Aplicada (ABA).

Qualificar ES

Nos últimos anos, além de focar na qualificação de colaboradores, a Feapaes-ES, em parceria com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação Profissional (Secti), ampliou o seu alcance com o programa Qualificar ES. Pela primeira vez no Espírito Santo, o programa ofereceu cursos profissionalizantes voltados aos familiares dos assistidos pelas Apaes e instituições coirmãs.

Em abril deste ano, mais de 200 vagas gratuitas foram disponibilizadas. Os cursos

abordaram áreas como cuidados de pessoas com deficiência, preparação de salgados, maquiagem, design de sobancelhas e cuidados com a pele, propiciando novas perspectivas de trabalho e inclusão.

Apae Mais

Parte do programa Apae Mais, o Apae Qualifica foi criado para enfrentar desafios como a necessidade de qualificação contínua e a alta rotatividade de profissionais nas Apaes.

Desenvolvido pela Feapaes-ES, o Apae Mais visa fortalecer a gestão e os serviços das instituições no Espírito Santo por meio de ações como certificação de qualidade, fortalecimento institucional e capacitação de lideranças, garantindo mais eficiência e transparência na inclusão social e na defesa dos direitos das pessoas com deficiência.





FEAPAES DE SÃO PAULO LANÇA PROJETO COLÉGIO DE LÍDERES

PATRÍCIA SOUZA
FEAPAES-SP

No dia 23 de maio, a Federação das Apaes do Estado de São Paulo (Feapaes-SP) promoveu o lançamento do projeto “Colégio de Líderes”, programa de desenvolvimento inovador voltado para a formação e o aperfeiçoamento das lideranças do movimento apaeano paulista.

O evento, realizado sob a liderança da presidente da Feapaes-SP, Cristiany de Castro, reuniu mais de 500 líderes, incluindo diretores, autodefensores, gestores de conselhos, executivos e coordenadores

das Apaes de todo o Estado de São Paulo, reconhecendo que todos os níveis de gestão vinculados à missão apaeanas precisam estar preparados para exercer uma liderança forte, consciente e atualizada, pronta para os desafios atuais.

O Colégio de Líderes municiou os participantes com elementos e estratégias para gerir com eficiência e credibilidade os times, orientados pelos princípios de governança, alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

da Organização das Nações Unidas (ONU), que servem como guia para ações de gestão e transformação da instituição.

A programação do evento de abertura contou com a presença de referências em liderança e gestão que despontam no cenário nacional. Os palestrantes compartilharam com os líderes as suas trajetórias de superação, as ferramentas de gestão e os exemplos inspiradores de liderança, estabelecendo bases importantes para a construção de um mindset de crescimento



dos gestores. Foram abordados temas como resiliência, inovação e liderança eficaz, destacando ainda estratégias de presença digital, posicionamento e marketing, com ferramentas que podem otimizar a gestão de recursos, maximizando o impacto das ações internas.

“O Colégio de Líderes é um programa de formação que visa preparar os líderes apaeanos para os desafios do nosso tempo com alta performance e eficiência. Uma organização forte com uma marca imponente e histórica precisa de uma liderança firme e preparada. O nosso foco é contínuo na excelência e inovação, visando sempre a garantia de direitos das pessoas com deficiência”, reforçou Cristiany.

Ao longo do ano, mais de 20 encontros e palestras fo-

ram realizados, propiciando aos dirigentes um desenvolvimento robusto nas áreas de liderança e gestão, com grandes nomes, a exemplo de Leonardo Medina, Roberto e Eduardo Shinyashiki, Marcelo Suartz e Hebert Bouzon.

Os encontros estavam focados no desenvolvimento de habilidades essenciais para liderar com eficácia, visando alta performance para gestão de pessoas, recursos e processos, com foco na melhoria das práticas de gerenciamento para garantir sustentabilidade, compliance, segurança e transparência, relevantes para assegurar a conformidade legal e a manutenção da confiabilidade da Rede Apae.

Encerramento

A edição de 2024 do Colégio de Líderes foi concluída no dia

7 de novembro, quando reuniu, no auditório da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, na capital paulista, mais de 250 pessoas, entre diretores, gestores e coordenadores das Apaes de todo o Estado de São Paulo.

Desde o seu lançamento, o Colégio de Líderes se consolidou como uma plataforma inovadora para capacitar as lideranças do movimento apaeano, promovendo a troca de experiências e o aprendizado de temas essenciais para uma liderança eficaz e transformadora. Ao longo de seis meses, os encontros virtuais abordaram temas como resiliência, inovação e gestão estratégica, preparando os líderes para enfrentar os desafios do setor com alto nível de competência.

O evento de encerramento

contou com a presença de renomados palestrantes, como Roberto Shinyashiki, Fernando Dalgallarrondo, Marcelo Suartz, Hebert Bouzon e Fred Furtado, além de Marcos da Costa, secretário de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, e Fátima Godoy, representando o presidente da Federação Nacional das Apaes (Fenapaes), prof. Jarbas Feldner de Barros. Durante este encontro, os participantes puderam aprofundar

os seus conhecimentos e obter insights sobre como enfrentar os desafios da liderança no movimento apaeano e no cuidado às pessoas com deficiência.

“Com o Colégio de Líderes, nós buscamos preparar os nossos líderes para os desafios do nosso tempo, promovendo excelência e inovação na gestão das Apaes” afirmou Cristiany de Castro. “A liderança forte e bem preparada é fundamental para ga-

rantir os direitos das pessoas com deficiência.”

Além disso, foi anunciado o lançamento do Colégio de Líderes 2025, com foco em continuar a formação de lideranças para o movimento apaeano paulista. O objetivo é garantir que mais líderes estejam preparados para enfrentar os desafios da gestão e inclusão, sempre com foco na melhoria contínua dos serviços prestados às pessoas com deficiência.





BAIÃO DE 2:

INCLUSÃO MUSICAL E REPRESENTATIVIDADE NO DISTRITO FEDERAL

KARLA TACIANO JORGE

ARTE-EDUCADORA DA APAE-DF

FLÁVIO HODARA GAIO

ARTE-EDUCADOR DA APAE-DF

ÉLIO FARIAS

ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO DA APAE-DF

Desde a sua criação em 2012, a banda “Baião de 2” tem sido um marco na trajetória da Apae do Distrito Federal, destacando-se como um exemplo de inclusão social por meio da música. Idealizada pelos professores e arte-educadores Kaká Taciano, Flávio Leão e Claudio Bello, a banda

nasceu com o objetivo de desenvolver o potencial musical dos jovens atendidos pela entidade, proporcionando a eles uma oportunidade única de inclusão no circuito cultural da capital federal.

Formada principalmente por jovens com deficiência intelectual assistidos pela instituição, o grupo também é integrado por seus idealizadores e por outros músicos de apoio voluntários. O repertório da banda é eclético e envolvente, abran-

gendo desde composições próprias até versões de músicas que vão do baião ao rock brasileiro, com interpretações de clássicos de Luiz Gonzaga, Gilberto Gil, Legião Urbana, Titãs e Raul Seixas. Essa diversidade musical permite que os integrantes expressem as suas habilidades artísticas, ao mesmo tempo em que promovem a cultura brasileira e a causa da pessoa com deficiência intelectual e múltipla.

O processo de formação da banda começou durante as



aulas de música do programa Sócio-ocupacional da Apae-DF, em Brasília, comandadas por professores cedidos pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, que mantém com a entidade um acordo de cooperação para diversos atendimentos. Identificando o potencial musical de alguns dos atendidos, a equipe pedagógica convidou os jovens a integrar o grupo que, além de fomentar as suas habilidades artísticas, também passou a atuar como uma plataforma de inclusão social e cultural.

Com o apoio e a autorização das famílias, a banda foi oficialmente formada, e os ensaios passaram a fazer parte

da rotina dos atendimentos da Apae-DF, até surgirem convites para as primeiras apresentações externas.

O impacto da banda não tardou a ser reconhecido, e logo a “Baião de 2” começou a se apresentar em diferentes eventos culturais e escolas públicas do Distrito Federal. Cada apresentação é mais do que um show; é uma oportunidade de conscientizar o público sobre a importância da inclusão e do respeito à diversidade. Em 2015, a banda deu um passo significativo ao gravar o seu primeiro CD independente, com o apoio de um estúdio parceiro e colaboradores da

Apae-DF. O lançamento foi celebrado com uma apresentação no Teatro Sesc em Brasília, marcando um momento de orgulho para todos os envolvidos.

A trajetória inicial da “Baião de 2” foi importante para viabilizar futuros apoios por parceiros mais consistentes. Com o crescimento e o sucesso das apresentações, os professores envolvidos elaboraram um projeto de captação de recursos aprovado pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) do DF. Esse financiamento permitiu que a banda não apenas expandisse as suas apresentações, mas também reconhecesse financeiramente os seus músicos

com deficiência intelectual, a partir dos cachês incluídos em cada apresentação programada, gerando uma renda complementar por meio da música.

Em 2024, a banda atingiu novos públicos, representando a Apae-DF em diferentes eventos culturais, tais como o “Festival de Blues de São Sebastião”, o “Parque Estações

em Brasília” e o “Festival Parque Sucupira”. Além disso, a “Baião de 2” tem sido uma presença constante nas edições do Festival Nacional Nossa Arte, organizado pela Federação Nacional das Apaes (Fenapaes), com apresentações já realizadas em Manaus, São Luís, Recife, e mais recentemente no Rio de Janeiro.

O sucesso do projeto “Baião de 2” transcende a música. Ele demonstra que, com o apoio adequado e oportunidades, jovens com deficiência intelectual podem não somente participar, mas também brilhar no cenário cultural. A história da banda é uma inspiração para outras instituições, mostrando que a arte é uma ferramenta poderosa de inclusão e transformação social.





ATENDIDOS DAS APAES DO PARÁ CONQUISTAM VAGA EM MEDICINA E CNH

TÁBITA OLIVEIRA
FEAPAES-PA

Todos os dias, as pessoas com deficiência enfrentam diversas batalhas, seja para melhorar o seu desenvolvimento motor e cognitivo, seja para garantir os seus direitos. No Pará, as Apaes têm contribuído para inúmeras conquistas de atendidos. Um exemplo é o estudante João Bosco da Costa Santa Brígida, de 22 anos, da Apae de Capanema, localizada no nordeste do Pará.

Autista, João passou no curso de medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA), no entanto, teve que recorrer

à Justiça para se matricular, após perder o prazo de entrega da documentação por não informar ninguém da família sobre a sua inscrição. A mãe dele, Joana Santa Brígida, a professora Neide Costa e o procurador público Manesses Filho entraram com recurso, que foi aceito. A vitória chegou no dia 22 de agosto, no mesmo período da Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla. A comemoração foi uma carreato pelo município.

“Eu nunca pensei em outra

profissão. A medicina sempre foi o meu sonho desde quando era criança. Vim da Vila de Tauarizinho, interior de Peixe-Boi, sempre estudei em escola pública e nunca fiz cursinho. Foi somente com o meu esforço e com a ajuda da Apae que consegui. Então, não desista dos seus sonhos, porque todos nós somos capazes”, disse João.

A conquista de João Bosco é um marco para a Apae de Capanema. O estudante chegou aos 12 anos na instituição, quando recebeu o diagnóstico de trans-

torno do espectro autista (TEA). Com o atendimento educacional especializado, João aprendeu a ler e escrever, começou a socializar e desenvolveu a sua criatividade, garantindo mais duas aprovações: em biologia, na Universidade Federal Rural do Pará (UFRA), e em enfermagem, na Universidade da Amazônia (Unama).

Ter uma deficiência não é sinônimo de incapacidade; pelo contrário, pode demonstrar grandes habilidades que precisam ser reconhecidas e estimuladas. “A mensagem que quero deixar nesta Semana Nacional é que todos nós somos capazes de vencer. Com muito esforço e dedicação, tudo é possível, e a Apae tem um papel muito importante na vida das pessoas com deficiência. Portanto, não limite os seus sonhos”, concluiu.

CNH

Outro exemplo de persistência é do autodefensor estadual, Elionay Pereira Júnior, que durante o processo para adquirir a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) foi surpreendido ao não ter um apoio para a realização do exame teórico de legislação.

Ciente de seus direitos, Elionay contou com o suporte da Procuradoria Jurídica da Federação das Apaes do Estado do Pará (Feapaes-PA),

que protocolou um ofício no Detran de Abaetetuba. Apesar de ter sido negado o apoio de uma pessoa para ler a prova para a realização do exame, o autodefensor paraense teve êxito na prova.

“Sou uma pessoa com deficiência, mas nunca deixei de realizar os meus objetivos e os meus sonhos. Fui fazer a prova da legislação e passei. Acertei 28 e estou buscando

a habilitação nas categorias A e B”, comemorou Elionay Júnior, ao explicar que consegue compreender o que lê, mas precisa de um tempo a mais que uma pessoa sem deficiência. “Se você tem um objetivo, corra atrás. Não desista dos seus sonhos. Uma pessoa com deficiência pode chegar em qualquer lugar. A minha fala é: ‘juntos seremos fortes na causa que nós abraçamos’.”





USO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA NO CAEE JOSÉ DE SOUSA NEVES RENDE RESULTADOS POSITIVOS PARA A APAE DE ESTREITO

ADRIANA MENEZES
FEAPAES-MA

As brincadeiras em meio às terapias cognitivas se tornaram fundamentais no desenvolvimento das crianças com deficiência intelectual e múltipla e com transtorno do espectro autista (TEA) matriculadas no CAEE José de Sousa Neves, da Apae de Estreito (MA). As terapias, organizadas no contraturno com a educação básica, atualmente, atendem 102 alunos e mais 38 participantes de oficinas cognitivas.

Além do aprendizado, também tem se constituído uma fonte de lazer que proporciona desafios e interação social, favorecendo assim a promoção de capacidades cognitivas. Nesse contexto, a lousa digital interativa, como dispositivo de tecnologia assistiva, tem possibilitado aos alunos, primeiramente, acesso à educação especializada, em grupos e de forma individual, e, durante o processo de aprendizagem, acompanha-

dos por profissionais especializados, propicia condições de equidade por ampliar as habilidades funcionais dos alunos.

E os frutos se refletem também na educação básica. Esses alunos apresentam bons resultados educacionais, mudanças significativas nas áreas cognitiva, afetiva, emocional e na comunicação. Sobre a inclusão social, a educação especializada tem possibilitado autonomia para os assistidos.

O uso da tecnologia assistiva nessa Apae faz parte de um projeto de tecnologia, fomentado a partir da doação de equipamentos digitais, realizado por empresas privadas e concessionária de energia elétrica de Estreito.

Sala de aula

No laboratório de informática do AEE José de Sousa Neves estão sendo aplicados jogos digitais, cuja finalidade é reforçar os estímulos sensoriais, a diversão e a alfabetização. Os profissionais da entidade utilizam estratégias para chamar a atenção, fixar o interesse e motivar os alunos.

Os jogos digitais usam a ação direta, fugindo da tradicional explicação teórica, atendendo vários modelos de aprendizagem e incluindo todas as especificidades dos atendidos. As abordagens pedagógicas constituem singularidades que reforçam o auxílio e a inclusão de todos.

As interações e tecnologias digitais envolvem diferentes estilos de aprendizagem, a exemplo de visual, auditivo e sinestésico.

Além do AEE, a Apae de Estreito possui o Núcleo de Terapias Cognitivas, que produz inúmeros recursos visuais, táteis e auditivos. A interdisciplinaridade ocorrida entre o CAEE José de Sousa Neves e o Centro de Habilitação e Reabilitação Cleonice Pereira Rezende Mendes promove ações integradas, que reforçam os aprendizados e o desenvolvimento social dos assistidos. A equipe é formada por pedagogas, psicólogas, fisioterapeuta infantil, psi-

copedagoga, terapeuta ocupacional, neuropediatra, psiquiatra e assistente social.

Quando os alunos realizam as atividades no computador deixam de ser meros receptores de conteúdos, movimentando-se e desenvolvendo a coordenação motora. O projeto evidencia que tanto o computador quanto outros recursos tecnológicos se tornaram instrumentos vitais para se alcançar êxito na aprendizagem de alunos com deficiência intelectual e múltipla e TEA.

A equipe de professoras faz o uso de recursos visuais no processo de ensi-

no-aprendizagem, aproveitando cada área de interesse dos atendidos. O computador está sendo utilizado como recurso potencializador da aprendizagem, já que colabora no desenvolvimento de habilidades funcionais, sociais, de linguagem e comunicacionais, por exemplo.

Outras habilidades foram desenvolvidas com o auxílio das intervenções de tecnologia, tais como maior autonomia e melhora da fala; alteração de humor, tornando-os mais tolerantes; diminuição de estereotipias; mobilização afetiva/cognitiva e sociabilidade.





CONSTRUINDO JUNTOS SONS E RITMOS: PROJETO USA MÚSICA COMO PODEROSA FERRAMENTA DE APRENDIZADO E EXPRESSÃO

MARIA ELIZABETE ALBERTO MOREIR
MARCIA CEZARIO OLIVEIRA SILVA
ROSE MARY APARECIDA FRANCISCO
LARISSA PATRÍCIA ESPÍNOLA MENDES
PROFESSORAS DA APAE DE
NOVA ANDRADINA - MS

Os alunos do Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) e a banda Cleonice Santos de Souza, da Escola de Educação Especial “Raio de Sol”, da Apae de Nova Andradina (MS), estabeleceram uma colaboração para dar vida ao projeto “Construindo Juntos Sons e Ritmos”, criado pelos professores do CAEE. O público do centro são alunos de 4 a 7 anos de idade.

O projeto visa demonstrar que a musicalização – que promove a socialização, a alfabetização, a inteligência, a coordenação motora, a percepção sonora, a percepção espacial e a matemática – é essencial para o desenvolvimento das habilidades sociais, emocionais, físicas e psicológicas dos alunos. No primeiro momento, foram confeccionados instrumentos com material reciclado, e os alunos contribuíram para a construção, facilitando na compreensão para a alfabetização, que é um marco im-

portante no desenvolvimento de todas as crianças.

O projeto começou com a ideia de que a música pode ser uma eficaz ferramenta de aprendizado. À vista disso, a banda foi convidada a trabalhar em conjunto com as professoras do CAEE, criando assim um ambiente interativo, onde os alunos aprenderiam a tocar instrumentos, desenvolver a fala, fazer o reconhecimento de letras e explorar os conceitos matemáticos de maneira divertida e envolvente. As aulas foram adaptadas às necessidades de

cada aluno, a fim de garantir que todos pudessem aproveitar ao máximo a experiência.

A musicalização se mostrou uma forma efetiva de trabalhar a alfabetização. Por meio de canções simples e ritmos, os atendidos aprenderam letras, palavras, sons dos instrumentos, coordenação motora, memorização, tempo e movimento.

O projeto incorporou ainda elementos matemáticos de maneira intuitiva. Os alunos aprenderam sobre contagens e padrões por meio dos instrumentos musicais. Por exemplo: ao tocar tambor, eles puderam praticar a contagem e entender conceitos básicos de adição e subtração de forma divertida, significativa e envolvente.

A música e os ritmos desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento infantil. E, para as crianças com transtorno do espectro autista (TEA), a música pode ser uma ferramenta relevante para melhorar a comunicação, a interação social e as habilidades motoras, oferecendo um meio acessível e envolvente de aprendizado e expressão.





A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PSICÓLOGO DENTRO DO PROGRAMA PSICOSSOCIAL NA APAE DE JARAGUÁ DO SUL

JAQUELINE CRISTINA PELLIS FEDER
LARISSA NEVES MENDES
 PSICÓLOGAS

Atualmente, a Apae de Jaraguá do Sul (SC) atende usuários de diferentes faixas etárias. Sendo assim, diante do crescimento expressivo do número de atendidos nos últimos anos, observou-se a necessidade da implantação de um setor voltado para a família dos usuários como um todo. Dentro dessa perspectiva, o setor psicossocial foi criado em 2022 pensando justamente na ampliação do atendimento prestado, visto que o usuário é uma extensão da sua família.

O Programa Psicossocial é um setor que tem por objetivo principal promover e fortalecer vínculos socioafetivos, atuar nas situações de vulnerabilidade, na mediação de conflitos, promover a autonomia na perspectiva da cidadania dos usuários e familiares, na defesa e garantia de direitos e na inclusão, bem como identificar o risco, a iminência e a reincidência da violência e/ou violação.

No processo de instituição da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), a psicologia foi indicada como uma das ciências a atender

às demandas dessa política, abrindo um campo vasto do exercício profissional, onde gerou-se um desafio de se repensar a prática, as formas de atendimento, estendendo as formas de atuação, agora no viés do trabalho em equipe (JENIAKE, 2012). Dentro dessa perspectiva, a atuação conjunta entre o assistente social e o psicólogo na Apae de Jaraguá do Sul foca no atendimento familiar/sistêmico, com uma visão especialmente direcionada a grupalidade, acionando as demais áreas profissionais da entidade, conforme as necessidades identificadas.

Nesse sentido, a atuação do psicólogo também procura compreender os conflitos nas relações entre os membros familiares, o contexto socio-cultural, econômico e as potencialidades que os cercam. Ainda, a equipe está apta a executar procedimentos para o trabalho com as famílias, possibilitando uma leitura crítica das realidades vivenciadas. Com a identificação das demandas, são inseridos os acolhimentos psicológicos, as intervenções domiciliares e os planos de acompanhamento familiar, bem como os grupos de pais e/ou cuidadores, pois os cuidados com os usuários implicam também na atenção à saúde mental dos pais e responsáveis, uma vez que a instabilidade emocional destes pode levar à desestabilização dos seus filhos.

O trabalho é baseado em intervenções pautadas sob os aspectos objetivos e subjetivos, sempre relacionados aos direitos da pessoa com deficiência e seus cuidadores, respondendo às suas necessidades de forma integral, não focando apenas nas situações emergenciais e de risco psicológico.

Santos (2018, p. 7) explica que:

“A ausência de cuidado nas fases críticas que certas famílias enfrentam (privação de alimentos, aumento de membros na compo-

ção familiar, situações de violência doméstica, desemprego, envolvimento com a criminalidade de membros da família, entre outras situações) podem causar consequências irreparáveis no futuro das pessoas. Sendo assim, o planejamento do acompanhamento familiar pode transitar entre ações de cuidado tanto no âmbito micro quanto no macrosocial, ou até mesmo no plano individual se a situação assim requerer”.

Por isso, é importante lembrar que a família e/ou cuidadores que têm problemas e dificuldades também possuem potencialidades e, como explica Santos (2018), é focando nas potencialidades da família que o psicólogo pode contribuir para o desenvolvimento do cuidado e do ser cuidado, além de buscar o empoderamento desses membros no exercício de suas funções parentais, almejando ainda, nesse trabalho, prevenir a incidência de transtornos psicológicos, ampliar o conhecimento sobre o diagnóstico e

as suas peculiaridades e oportunizar vivências que possam contribuir para o desenvolvimento global das pessoas com deficiência e na melhoria da sua qualidade de vida.

Os vínculos socioafetivos desempenham um papel crucial no desenvolvimento emocional e social dos indivíduos. Eles são a base para relacionamentos saudáveis, que possam contribuir para a superação de desafios e a construção de uma vida digna. Por meio do fortalecimento desses vínculos, o psicólogo que atende aquela família é capaz de auxiliar no processo de mudança, oferecendo suporte e encorajamento. Em última análise, o fortalecimento dos vínculos pode levar a uma sociedade mais solidária e colaborativa, fazendo com que a ação desenvolvida dentro da Apae de Jaraguá do Sul alcance positivamente não somente aqueles atingidos diretamente, mas também toda a comunidade que os cercam.





PROFISSIONALISMO E GESTÃO SÃO PEÇAS-CHAVE

NA TRANSFORMAÇÃO DA APAE DE TEFÉ

RAFAEL SILVA
FEAPAES-AM

A Apae de Tefé (AM), localizada a 521 km da capital Manaus, é considerada um case de sucesso em como uma gestão baseada em profissionalismo por transformar a percepção acerca de uma Apae.

Até poucos anos atrás, a Apae do município contava com baixo efetivo de profissionais e pouco, ou quase nenhum, apelo junto à sociedade, que estava apática às atribuições de uma

instituição desse calibre. O potencial estava todo guardado, mas não utilizado.

Nestas circunstâncias, a chave necessária era uma gestão mais articulada com a sociedade, os profissionais do meio, os políticos do município e os meios de comunicação, a fim de propiciar visibilidade e instaurar um novo momento para o movimento apaeano local.

Por meio da gestão da atual presidente, Denize Gomes,

criou-se um divisor de águas entre estes dois momentos. E com o apoio da presidente da Federação das Apaes do Estado do Amazonas (Feapaes-AM), Sirange Bezerra Rodrigues, em pouco mais de um ano a Apae de Tefé deixou de passar despercebida pela população para se tornar a referência na assistência às pessoas com deficiência intelectual e múltipla, tanto do município quanto das comunidades adjacentes.

Com o trabalho incansável da atual gestão, atualmente a Apae de Tefé possui 58 funcionários, distribuídos nos serviços de assistência social, educação, saúde e projetos, atendendo, no total, 443 famílias.

A prova do reconhecimento e acolhimento da sociedade com a entidade foi consolidada na caminhada da Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla de 2024, cujo tema foi “Nossa história: quem somos e o que fazemos”, quando uma multidão compareceu, participou e engajou nos eventos promovidos pela Apae.

Esta transformação, ocorrida em um período curto, é a prova de que em lugares em que a Apae se mostra ativa e organizada, a sociedade, as empresas e o poder público se mostrarão agentes contribuintes deste impacto positivo na sociedade.



Assistência Social

Defesa e garantia de direitos das pessoas com deficiência
Atendimentos como acolhimento, orientação e apoio às famílias e psicossocial
Encaminhamentos para a rede de apoio
Fortalecimento de vínculos familiares

Educação

12 turmas de AEE
Sala de atendimento de estimulação precoce
Sala de ensino em braile

Saúde

400 atendimentos mensais de fisioterapia
200 atendimentos mensais de fonoaudiologia
200 atendimentos psicológicos
200 atendimentos dentários
35 consultas mensais com neurologista
Terapia grupal

Projetos desenvolvidos

Informática: são atendidos todos os alunos do AEE
Musicoterapia itinerante, em salas de aula e/ou consultórios
Jiu-jitsu
Cursos profissionalizantes



EXPLORANDO REALIDADE VIRTUAL IMERSIVA E JOGOS DIGITAIS COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL:

UM ESTUDO NA APAE DE SERRA TALHADA

ALISSON G. R. NASCIMENTO
ZILDOMAR C. FELIX
ELLEN SOUZA
MARBSON GOULART ANTAS
LUANNA G. S. A. ARAÚJO
EDNAELE MAGALHÃES
ANDRIELY LEITE
ROMÁRIO E. SANTOS

Os jogos digitais, aliados aos dispositivos de realidade virtual imersiva (RVI), estão se consolidando como uma ferramenta inovadora e segura para a formação de pessoas com deficiência intelectual. Esses recursos tecnológicos proporcionam um ambiente controla-

do e repetível, ideal para atender às diversas necessidades dos usuários, independentemente de seu nível de alfabetização, linguagem ou capacidades físicas e cognitivas.

A RVI oferece uma experiência de imersão e presença únicas no universo dos jogos digitais. A imersão se refere ao envolvimento profundo do usuário com o ambiente virtual e suas atividades, enquanto a presença é a sensação subjetiva de “estar fisicamente” no cenário do jogo.

Neste artigo, compartilhamos os resultados preliminares de um projeto desenvolvido com assistidos do projeto de longevidade da Apae de Serra Talhada (PE), utilizando jogos imersivos para estimular engajamento, atenção, concentração, agilidade, mobilidade e aspectos emocionais.

Com início no segundo semestre de 2023, as oficinas são realizadas no contexto do Projeto de Extensão em

Inclusão Digital em parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob a coordenação dos professores Zildomar Félix e Ellen Souza.

As oficinas ocorrem uma vez por semana, no turno da manhã, sob a supervisão de uma equipe multiprofissional, composta por psicóloga, psicopedagoga, fisioterapeuta, e discentes e docentes da UFRPE. Esses profissionais monitoram as sessões em tempo real por meio de uma transmissão na TV, garantindo orientação e suporte imediato aos participantes.

Quatro assistidos com deficiência intelectual participam, utilizando os óculos de realidade virtual Meta Quest 2 por, no máximo, 20 minutos, a fim de minimizar os efeitos do cybersickness — desconfortos como náuseas, dores de cabeça e desorientação que podem ocorrer após a exposição a dispositivos de RVI. Para medir esses efeitos, é aplicado o questionário SSQ (Simulator Sickness Questionnaire), antes e depois de cada sessão.

As imagens apresentam alguns dos participantes nos momentos das oficinas. Entre os jogos utilizados, destacam-se o Meta First Steps, Meta First Touch, Beat Saber e Rec Room. A avaliação preliminar mostrou que, apesar de algumas dificuldades iniciais com

o manuseio do joystick, o público-alvo demonstrou bons níveis de engajamento. Essas dificuldades podem ter impactado a execução completa das atividades, visto que nenhum dos participantes conseguiu concluí-las totalmente.

Contudo, observou-se uma melhora significativa em atenção e concentração durante as tarefas. Já os benefícios em termos de agilidade, mobilidade e aspectos emocionais ainda estão em análise pela equipe multidisciplinar.

Quanto ao cybersickness, apenas um participante relatou tontura leve em uma sessão, mas os resultados gerais

do SSQ não indicaram problemas significativos.

Embora o estudo ainda esteja em andamento, os resultados iniciais são promissores. Para o futuro, planejamos ampliar o catálogo de atividades, aumentar o número de participantes e aprofundar a análise dos impactos em todos os aspectos avaliados. Além disso, com base na experiência adquirida, está em desenvolvimento um jogo digital imersivo personalizado, adaptado às necessidades dos assistidos da Apae de Serra Talhada, visando otimizar ainda mais o desenvolvimento das pessoas com deficiência intelectual.





APAE BRASIL

Federação Nacional das Apaes



apaebrasil



apaebrasil



apaebrasil



ApaeBrasilOficial

apaebrasil.org.br
fenapaes@apaebrasil.org.br